

Alessandro Geovani Borges

**ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL: UMA ABORDAGEM SOBRE OS
DESAFIOS E OS AGENTES ENVOLVIDOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Me. Edimar
Fernando Moreira.

Florianópolis
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC.

Borges, Alessandro Geovani

Orientação espiritual: uma abordagem sobre os desafios e os
agentes envolvidos / Alessandro Geovani Borges; Orientador: Edimar
Fernando Moreira; Florianópolis, SC, 2020.

109 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa
Catarina.

Inclui referências:

1. Orientação Espiritual 2. Graça 3. Maturidade 4. . II. Título.

Alessandro Geovani Borges

**ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL: UMA ABORDAGEM SOBRE OS
DESAFIOS E OS AGENTES ENVOLVIDOS.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 28 de setembro de 2020.

Prof. Dr. Pe. Rafael Aléx Lima da Silva.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Me. Frei Edimar Fernando Moreira OC.
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Esp. Alcides Albony Amaral.
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Dr. Pe. Rafael Aléx Lima da Silva.
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

AGRADECIMENTOS

À Santíssima Trindade.

À minha família, que teve paciência e compreensão comigo em tempos de estudo em casa.

Ao Seminário Teológico Nossa Senhora de Guadalupe que me acolheu nestes quatro anos de formação e onde pude aprender muito e ter belas experiências que levarei para a vida toda.

Aos irmãos de seminário: Jonny, Lucas, Hemerson, Gabriel e Alexander, obrigado por ser sinal de amizade e comunhão quando eu precisei.

Ao Reitor Pe. Edson A. Dereti, com quem convivi três anos, obrigado por ser organizado e profundo em suas homilias.

Ao Frei Edimar F. Moreira, carmelita, que soube com muita sensibilidade e sabedoria orientar-me nesta jornada do meu TCC.

Amadurecimento humano significa que uma pessoa desabrocha, que torna visível o que há dentro dela em termos de possibilidades e capacidades; quando em torno dela há florescimento e frutos.

(Anselm Grün)

RESUMO

A maturidade cristã é um objetivo a ser alcançado na vida do cristão. Dessa forma, a orientação espiritual quer ser um auxílio nesse percurso. A presente pesquisa estuda caminhos da orientação espiritual, seus agentes, seus obstáculos e desafios. Primeiramente, faz-se uma explanação sobre conceitos básicos da orientação espiritual e imagens bíblicas que esboçam algum tipo de orientação. Na sequência, apresentam-se os agentes envolvidos: a pessoa que pede orientação e seus anseios, a pessoa que orienta e suas características, a graça divina e sua ação. Depois, se traz uma abordagem sobre os desafios à orientação espiritual, que são em síntese, desafios à santidade e ao amadurecimento pessoal. Usa-se para isso uma pesquisa de cunho teórico-bibliográfico, de caráter histórico e documental na área de conhecimento da teologia, tendo como subárea a teologia espiritual.

Palavras-chave: Orientação Espiritual. Graça. Maturidade.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIC – Catecismo da Igreja Católica

CDC – Código de Direito Canônico

DV – *Dei Verbum*

EG – *Evangelii Gaudium*

GE – *Gaudete et Exsultate*

GS – *Gaudium Et Spes*

LG – *Lumen Gentium*

LS – *Laudato Si*

OA – *Octagesima Adveniens*

OE – Orientação espiritual

GE – *Gravissimum Educationis*

As abreviaturas dos livros bíblicos estão padronizadas conforme a Bíblia de Jerusalém, cuja referência completa consta ao final deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
1 CONCEITOS E IMAGENS BÍBLICAS	25
1.1 CONCEITOS	25
1.2 IMAGENS BÍBLICAS	34
1.2.1 Antigo Testamento	34
1.2.2 Evangelhos	41
1.2.3 Escritos Paulinos	44
2 ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL E SEUS AGENTES	47
2.1 O PROCESSO	48
2.2 A PESSOA QUE PEDE ORIENTAÇÃO	51
2.2.1 Dimensão de Interiorização ou Imanência	53
2.2.2 Dimensão de abertura ou transcendência	55
2.3 A PESSOA QUE ORIENTA	58
2.3.1 Pais Espirituais na História da Igreja.....	59
2.3.2 Características	65
2.4 A GRAÇA	67
3 DESAFIOS À ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL	75
3.1 O CRESCIMENTO HUMANO	75
3.1.1 Maturidade	78
3.1.2 Passos para a maturidade.....	80
3.2 O CRESCIMENTO ESPIRITUAL	82
3.2.1 Obstáculos à Santidade.....	82
3.2.2 Combate Espiritual	87
3.2.3 Comunicação Virtual.....	89
3.3 UM PROCESSO FORMATIVO CONTÍNUO	91
3.3.1 Término da Orientação	91
3.3.2 Formação Permanente	94
CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS	103

INTRODUÇÃO

A orientação espiritual parece um processo rotineiro para alguns, mas complicado para outros. Na verdade, é um instrumento no processo de amadurecimento do cristão. É constituído por uma relação de alguém que pede a orientação e alguém que orienta inspirado pelo Espírito Santo. Para a psicologia é uma relação dual psicodinâmica, mas teologicamente é uma tríade. Pois, são três os agentes: a pessoa que pede orientação, a pessoa que orienta e Deus, como o orientador por excelência.

Dessa forma, a relação psicodinâmica que se vive deve atender a certos critérios, obedecer a regras mais ou menos preestabelecidas. Pois, a orientação espiritual requer certo tempo de acompanhamento, espaço e seguir as orientações dadas pela pessoa que orienta. Muitas vezes, exige-se o silêncio, momentos de oração e contemplação, e ainda, certa disciplina que é acompanhada de renúncias. Tudo para ajudar na escuta da voz de Deus, e assim fazer Sua vontade. Tornando-se aos poucos semelhante a Ele.

Nesse processo de orientação poderiam aparecer certos desafios e obstáculos. Quais seriam esses desafios e obstáculos? O orientador tomando conhecimento da existência de um ou outro, como poderia ajudar a pessoa que pede orientação? Quais seriam as características e funções dos agentes envolvidos nessa relação tríade?

Por isso, de forma geral, o objetivo desta pesquisa é entender o processo de direção espiritual, bem como seus agentes envolvidos, e os possíveis obstáculos e desafios.

Nesse sentido, a importância da pesquisa para a teologia está no fato de que, ao se debruçar sobre o tema, podem-se descobrir situações conflituosas que estariam impedindo o crescimento espiritual. Assim, tomando consciência dos possíveis obstáculos, apontar caminhos para superá-los.

Para atingir o objetivo descrito acima, a pesquisa se dividirá em três momentos específicos: conceituação e imagens bíblicas, orientação e seus agentes, desafios e obstáculos à orientação espiritual.

Primeiramente, serão apresentados conceitos e definições sobre orientação espiritual e imagens bíblicas que podem sugerir uma relação de orientação espiritual. Mesmo sabendo-se que não existe uma definição perene e definitiva, mas parte-se do conceito básico de que a meta é uma vida em plenitude, cujo referencial é o homem perfeito, Jesus Cristo.

Ao longo da história bíblica, têm-se várias pessoas que serviram como sinal de Deus para mostrar o caminho da santidade ou da vontade divina para alguma pessoa específica ou para o povo de Deus. É o caso de Moisés que serviu como um orientador para o povo de Deus ao longo da vivência no deserto. Mostrando o caminho para passar de uma vida inferior, castigada, oprimida, para uma vida de libertação, de salvação, de felicidade. Ou seja, um caminho de entrega a Deus, de conversão e por fim, da Aliança de amor.

Mas, também se tem, é claro, o grande mestre Jesus cumpridor de todas as promessas e o guia por excelência. Deixou sua pregação (especificamente as Bem-aventuranças) e sua vida como modelos de seguimento e perfeição cristã. Tem-se, ainda, as primeiras comunidades que viviam o desapego total, a partilha dos bens em comum, a assiduidade na oração e o amor fraterno.

Já num segundo momento, serão explicadas as características e o papel dos envolvidos no processo de Orientação Espiritual. A pessoa que pede orientação e dá seu sim ao processo. Dá um sim também à ação da graça na sua vida. Esta pessoa é livre e responsável por suas atitudes, tem uma autofinalidade e autopertence. Outra dimensão que compõe esse ser humano é a transcendência, que pode ser traduzida na abertura ao outro, ao mundo e a Deus.

Por sua vez, a pessoa que orienta deve apresentar certas características como: ser provada no dom do discernimento dos espíritos, afeiçoar-se à vida interior, saber ouvir e favorecer um clima de acolhida, não atrair para si os méritos devidos à ação da graça com risco de fazer da pessoa que pede orientação à sua imagem e semelhança. Ainda, neste segundo momento são apresentados na história dos primeiros séculos da Igreja, outros orientadores que deram tão certo que criaram escolas, porque se tornaram mestres no caminho espiritual. É o caso de S. Basílio, Sto Agostinho, S. Bento, S. Gregório Magno entre outros. Nos séculos XV e XVI houve certa hegemonia da espiritualidade espanhola, francesa e protestante. E no século XX os novos posicionamentos e situações da realidade a época foram sintetizados no Concílio Vaticano II.

Por fim, tem-se a ação da graça. Ela que toca o coração humano e espera uma resposta livre e positiva. Esta graça sobrenatural ajuda a natureza humana e aperfeiçoa-a. Tem-se a graça habitual que prepara o homem, mesmo que remotamente, para a visão beatífica, depois se têm as virtudes infusas e os dons do Espírito. Por fim, a graça atual que ajuda aos atos sobrenaturais, na disposição para Deus.

Por sua vez, o terceiro momento apontará alguns desafios e obstáculos encontrados na orientação espiritual. Primeiramente, o desejo do ser humano de voltar ao estado de perfeita amizade com Deus, onde tinha a santidade e a justiça originais, participava da vida divina. Mas, acabou perdendo este estado original pela entrada do pecado no mundo, e talvez por isso, até hoje ele está correndo atrás desta amizade. Eis um primeiro desafio.

Depois outro desafio é a maturidade. Como integrar a personalidade ao ponto de todas as capacidades humanas e afetivas estarem organizadas adequadamente. Talvez aqui a orientação ajude indiretamente. Na sequência, apontam-se passos para a maturidade e obstáculos à santidade, a saber: o pelagianismo e o gnosticismo atuais. Mas, também outro desafio é o combate espiritual entre a carne e o espírito. Ainda, é apresentado o mundo atual como um desafio a ser superado e a formação permanente.

1 CONCEITOS E IMAGENS BÍBLICAS

As pessoas lançam mão de vários recursos para poderem amadurecer na vida espiritual: ascese, jejuns, orações, momentos de “deserto”, leituras de livros sobre a vida de algum santo, enfim, uma série de instrumentos para as ajudarem. A direção espiritual é um desses meios que pode ajudar no itinerário da vida espiritual. Portanto, este capítulo tem como objetivo apresentar alguns conceitos sobre a orientação espiritual e imagens bíblicas que podem sugerir uma relação de orientação espiritual.

1.1 CONCEITOS

O *Dicionário de Espiritualidade* afirma que a orientação espiritual está voltando a ser abordada, depois de um período de desvalorização devido a vários fatores.

Fala-se dela não só a nível de operatividade, mas por causa dos vínculos que tem com a teologia, e especialmente com as ciências humanas; pela posição que ocupa no novo florescimento da espiritualidade eclesial; pelo papel que assume nas recentes fundações da vida consagrada, inclusive na laicidade ou secularidade; por certo reajuste que exige na formação da pessoa como homem e cristão.¹

Vêm-se, nesse trecho, vários pontos que podem ser ampliados. Menciona-se, principalmente, o apoio que a Igreja dá na relação da teologia e ciências humanas. Por ora, cabe somente um aceno em dizer que a Igreja se preocupa muito com o progresso de seus filhos e filhas, e nesse sentido, aprova o diálogo da teologia com as novas ciências. Como pode ser verificado na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), do Concílio Vaticano II, “os progressos das ciências biológicas, psicológicas e sociais não só ajudam o homem a conhecer-se melhor,

¹ MERCATALI, A. Padre Espiritual (Diretor). In: FIORES, Stefano de. GOFFI, Tullio (Orgs). **Dicionário de Espiritualidade**. (Trad.: Augusto Guerra, Isabel Fontes Leal Guerra). 3 ed. São Paulo: Paulus, 1993. p. 866-878. p. cit. 867.

mas ainda lhe permitem exercer, por meios técnicos, uma influência direta na vida das sociedades.”²

Sobre o significado da direção espiritual, o *Dicionário de Mística* vai dizer o seguinte: “expressão que se tornou comum na Igreja para indicar a ajuda oferecida por alguém com experiência a um fiel que caminha para a plenitude da vida em Cristo e no Espírito.”³

Apesar de ser um acompanhamento mais personalizado, ele não deixa de estar em comunhão eclesial. Como diz ainda o *Dicionário de Mística*:

Não se trata do trabalho pastoral voltado para toda a comunidade cristã, mas daquele prestado a um de seus membros, chamado, junto com os outros, a ser perfeito “como o Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48), embora percorrendo caminho de graça e liberdade único, irrepetível, incomunicável, correspondente àquela relação de amor pessoal que todo filho da família de Deus tem com o Pai.⁴

Um dos sinais de vivência cristã autêntica é a imersão na vida eclesial. Sendo assim, a Igreja sempre teve a preocupação da educação da fé de seus membros. Pode-se dizer que usou de uma forma diferente de direção ou acompanhamento, para fazer dos fiéis, discípulos do Mestre Jesus. A saber:

Bem cedo passou-se a chamar de catequese o conjunto de esforços empreendidos na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a crerem que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, por meio da fé, tenham a vida em nome dele, para educá-los e instruí-los nesta vida, e assim construir o Corpo de Cristo.⁵

² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes* Sobre a Igreja no Mundo de Hoje. In: COSTA, Lourenço (Org). **Documentos do Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965)**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 539-661. p. cit. 544; GS 5.

³ OCCHIALINI, U. Direção Espiritual. In: Org.: BORRIELO, L. CARUANA, E. DEL GENIO, M.R. SUFFI, N. **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus: Loyola, 2003. p. 330-334. p. cit. 332.

⁴ OCCHIALINI, 2003, p. 332.

⁵ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 14; CIC 4.

Portanto, todo este esforço visa edificar e fortalecer o Corpo de Cristo. A direção ou orientação espiritual é mais um desses esforços que ajudam a edificação deste Corpo. Desde o Antigo Testamento havia uma espiritualidade que dava ao povo de Deus uma direção. Povo que foi o germe da Igreja.

Aos que acreditam em Cristo, quis convocá-los na santa Igreja, a qual, já prefigurada desde a origem do mundo e preparada admiravelmente na história do povo de Israel e na antiga aliança e instituída “nos últimos tempos” foi manifestada pela efusão do espírito, e será consumada em glória no fim dos séculos. Então, como se lê nos santos Padres, todos os justos, a começar por Adão, “desde o justo Abel até ao último eleito”, serão congregados na Igreja universal junto do Pai.⁶

Ainda à guisa de uma abordagem inicial sobre o tema desta pesquisa, Corti diz que “é impossível descrever uma forma perene e única da direção espiritual.”⁷ Como se vê, até o momento destas primeiras páginas, não se tem uma definição objetiva sobre a direção espiritual. Mas, ainda citemos Corti falando sobre o tema, pois mesmo não tendo uma definição clara consegue esclarecer-nos o caminho. Para ele, a direção espiritual poderia

[...] fazer ver as plenitudes de humanidade presentes no mistério de Cristo, e assim despertar desejos humanos, fazer reflorescer, dar novo vigor a certas dimensões, a certas intuições, a certas necessidades, a certas demandas do homem que são mortificadas, estigmatizadas, atrofiadas no tipo de experiência espiritual que vivemos hoje.⁸

⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965)**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 101-197. p. cit. 102; LG 2.

⁷ CORTI, Renato; MOIOLI, Giovanni; SERENTHÀ, Luigi. **A direção espiritual hoje: discernimento cristão e comunicação interpessoal**. Trad.: Alda da Anunciação Machado. 2 Ed. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 42.

⁸ CORTI; MOIOLI; SERENTHÀ, 2002. p. 44.

Ou seja, uma espiritualidade mal vivida pode até atrofiar certas áreas da vida humana, fazer a pessoa bloquear sentimentos ou desejos que podem posteriormente levá-lo a viver uma falsa fé cristã.

Para os jesuítas William A. Barry e William J. Connolly, no livro *A Prática da Direção Espiritual*⁹, o conceito de direção espiritual está relacionado diretamente à experiência que alguém tem com Deus. Dar ênfase à experiência religiosa não é algo particular de um ou outro modelo de direção, mas, “parece, antes, uma tentativa de identificar qual a questão mais fundamental à direção e deixar que a direção se amolde a essa questão.”¹⁰

Não se devem colocar critérios pré-definidos quando se vai entrar na seara dos atendimentos de direção espiritual. Pois, o que deverá dar o rumo e direção é a experiência de Deus. Dito de outra forma, a direção espiritual ajuda a prestar atenção à comunicação pessoal de Deus e a respondê-Lo também de forma pessoal. Aumenta assim, a intimidade com o Divino.¹¹

Seria importante trazer o momento em que os autores dizem que a direção espiritual

[...] sempre teve por meta final intensificar a união com Deus e, portanto sempre esteve ligada ao relacionamento individual com o Senhor. [...] Nossa visão de direção espiritual dá primazia ao

⁹ Um livro com uma história própria. Os autores com mais 4 jesuítas queriam na década de 70 montar um centro de retiros. Um deles estava se doutorando em espiritualidade e outros tinham doutorado em psicologia clínica. Em 1971 fundaram o *Center for Religious Development*, em Cambridge, Massachusetts. Aos poucos foram compreendendo que a direção espiritual difere da orientação moral, do aconselhamento psicológico, da pregação ou ministério de cura. BARRY, William A.; CONNOLLY, William J. **A Prática da Direção Espiritual**. Trad.: Gulnara Lobato de Moraes Pereira. 3. Ed. São Paulo: Loyola, 1999. p. 11. Portanto, o livro procura explicar o que é a orientação espiritual, dar algumas ideias para formar novos orientadores e fala sobre a relação do orientador e o dirigido.

¹⁰ BARRY, William A.; CONNOLLY, William J. **A Prática da Direção Espiritual**. Trad.: Gulnara Lobato de Moraes Pereira. 3. Ed. São Paulo: Loyola, 1999. p.22.

¹¹ BARRY; CONNOLLY, 1999. p. 22.

enfoque sobre experiências de Deus ocorridas com mais frequência durante a oração.¹²

Pode-se ver um diretor mais como um conselheiro pastoral e com um itinerário já pronto, do que propriamente um orientador espiritual que tem ênfase na experiência do dirigido. Portanto, entende-se o que o autor diz e concorda-se com ele. Mas, completa-se esta afirmação com o seguinte trecho: “‘Direção espiritual’ é um dos termos mais grandiloquentes que o ministério da Igreja herdou do passado. Em nosso meio cultural, é também um dos que mais confundem.”¹³

Vejamos o que traz Henri J.M. Nouwen, em seu livro *Direção Espiritual: Sabedoria para o caminho da fé*:

A meta da direção espiritual é a formação espiritual – a capacidade sempre crescente de viver uma vida espiritual partindo do coração. Uma vida espiritual não pode se formar sem disciplina, prática e responsabilidade. Há muitas disciplinas espirituais. Quase tudo o que nos solícite regularmente a diminuir o ritmo e ordenar o nosso tempo, nossos desejos e pensamentos para nos opor ao egoísmo, à impulsividade ou ao ofuscamento apressado da mente pode ser uma disciplina espiritual.¹⁴

Ele é muito pedagógico em seu modo de transmitir os caminhos pelos quais compreende como se dá o aprofundamento da formação espiritual. É uma abordagem muito precisa que surgiu da experiência

¹² BARRY; CONNOLLY, 1999. p. 22.

¹³ BARRY; CONNOLLY, 1999. p. 22.

¹⁴ NOUWEN, Henri J.M.; CHRISTENSSEN, Michael J.; LAIRD, Rebeca J. **Direção espiritual**: sabedoria para o caminho da fé. Trad.: Daniela Barbosa Henriques. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 15. Em seu livro, uma obra póstuma que é baseada em seus artigos, sermões, notas de aulas e manuscritos inéditos, Nouwen conseguiu ajudar muitas pessoas que apresentavam alguma dificuldade na caminhada de fé ou que se colocaram neste caminho de busca. Tanto é verdade que seus ensinamentos tiveram continuidade, ao ponto de ser formada a “Henri Nouwen Society” e o “Henri Nouwen Literary Trust”. Atualmente, existe um site que continua a divulgar os seus artigos e proporcionam cursos: www.henrinouwen.org; (informações retiradas dos agradecimentos do livro, grifo nosso).

dele. O autor explicita quais são, para ele, as disciplinas clássicas ou as práticas espirituais que ajudam na direção espiritual. Cita particularmente três: a disciplina do coração, a disciplina da Bíblia e a disciplina da Igreja ou comunidade de fé.¹⁵

Ele considera outras práticas salutares conjugadas a essas três, como: “pobreza ou simplicidade, castidade, obediência, estabilidade, jejum, meditação, contemplação, leitura sagrada, comunidade, serviço, generosidade, e muitas formas de oração interior.”¹⁶

O livro oferece pistas de como ter uma melhor experiência com Deus e estar “treinado” na disciplina do coração. É dividido em três partes e cada parte traz uma disciplina clássica, onde é descrito, pedagogicamente com parábolas, como alcançar uma boa formação espiritual;

A saber, ter coragem e disciplina para fazer as perguntas fundamentais, viver e agir de forma correta, guiado pelo espírito de Deus;¹⁷ passar de uma vida absurda para uma atenção obediente;¹⁸ deixar que a verdade de ser amado incorpore-se em tudo o que se pensa, diz ou faz;¹⁹ dizer, durante o período breve da vida, o quanto ama a Deus;²⁰ cultivar o hábito da oração diária;²¹ procurar em seu coração que Deus é Deus;²² encontrar Deus na palavra através da disciplina do ouvir obediente, da leitura sagrada, da fala humilde e da escrita espiritual;²³ sair da solidão para um ingresso na comunidade, em vista de encontrar o verdadeiro lar no mundo;²⁴ ter um espírito de saída voluntária nos impede de cair no comodismo.²⁵

Têm-se várias nomenclaturas para o processo que se está pesquisando, pois dependem de como se articulam os fins e as diversas modalidades de intervenção. Conforme Aletti,

¹⁵ NOUWEN; CHRISTENSSEN; LAIRD, 2008, p. 16.

¹⁶ NOUWEN; CHRISTENSSEN; LAIRD, 2008, p. 16.

¹⁷ NOUWEN; CHRISTENSSEN; LAIRD, 2008, p. 27-28.

¹⁸ NOUWEN; CHRISTENSSEN; LAIRD, 2008, p. 40.

¹⁹ NOUWEN; CHRISTENSSEN; LAIRD, 2008, p. 60.

²⁰ NOUWEN; CHRISTENSSEN; LAIRD, 2008, p. 78.

²¹ NOUWEN; CHRISTENSSEN; LAIRD, 2008, p. 84.

²² NOUWEN; CHRISTENSSEN; LAIRD, 2008, p. 104.

²³ NOUWEN; CHRISTENSSEN; LAIRD, 2008, p. 134.

²⁴ NOUWEN; CHRISTENSSEN; LAIRD, 2008, p. 144.

²⁵ NOUWEN; CHRISTENSSEN; LAIRD, 2008, p. 178.

Essas são assinaladas e, às vezes, esclarecidas (outras, confundidas) também por diferentes denominações: discernimento e/ou acompanhamento vocacional, direção espiritual, *counselling*, diálogo pastoral ou também psicoterapia pastoral... As diversas formas de acompanhamento espiritual variam em função do objetivo, do destinatário e de seu nível de crescimento espiritual e também da pessoa que assume o papel de guia.²⁶

Portanto, está claro como é abrangente o tema em questão. Mas, agora, se faz necessária a escolha de uma definição. Parecere-nos oportuna a definição de Ulpiano Vázquez Moro:

Para explicar melhor o que entendemos por orientação espiritual, utilizamos os termos “Teografia” e “Mistagogia”. Teografia significa que a orientação é possível graças às marcas de Deus na vida de cada um de nós. Deus escreve em nossas vidas. [...] Deus escreveu no nosso próprio coração.²⁷

Posteriormente, será citada a explicação do que é Mistagogia, omitida no texto acima. Mas, por ora, se quer chamar a atenção sobre orientar-se. A orientação está relacionada à experiência humana de buscar localizar-se no espaço e no tempo. No espaço, a pessoa procura situar-se (orientar-se) com relação a um ponto determinado que é o Oriente: o Sol nascente. Este horizonte espacial também fornece os dados para uma orientação temporal que são as diferentes horas do dia.²⁸

Portanto, priorizaremos, para esta pesquisa, a utilização do termo orientação espiritual (OE). Ainda que, eventualmente, se utilize direção ou acompanhamento espiritual, como sinônimos, ter-se-á por compreensão basilar a ideia da orientação, com suas nuances

²⁶ ALETTI, Mário. Atendimento Psicológico e Direção Espiritual: Semelhanças, Diferenças, Integrações e... Confusões. Trad.: Geraldo José de Paiva. In: Revista **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília v. 24, n. 1, p. 117-126, 2008. p. 117.

²⁷ MORO, Ulpiano Vázquez., **A orientação espiritual: Mistagogia e Teografia**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 9-10. (grifo do autor).

²⁸ MORO, 2001, p. 8.

particulares, como as apresentadas por Ulpiano Vázquez Moro, em sua obra *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*.

Nesses conceitos implícitos estão mistagogia e teografia. A teografia foi citada acima como sendo marcas de Deus na nossa vida. Ao procurar estas marcas divinas na sua própria vida, a pessoa vai descobrindo que “as mais variadas situações tornam-se ocasiões para a descoberta de novas formas de inscrição da presença de Deus.”²⁹

Já o conceito de Mistagogia, para ele, é:

[...] a maneira como sou conduzido, através das marcas de Deus em minha vida, é o sentido dessas marcas. Relendo nossa vida, vamos ver que as marcas que aí se encontram são sinais indicadores do caminho que Deus me fez e faz andar. [...] É o próprio Deus quem conduz e orienta para o “mistério” do seu Caminho todos os caminhos da pessoa. Esta possui assim a memória de uma história espiritual aberta que lhe proporciona um horizonte de referências e um sentido pelo qual tem também a possibilidade de ainda continuar caminhando.³⁰

Ou seja, é o próprio Deus que conduz a vida do ser humano através da história de vida pessoal que é marcada pela Sua presença. Ele mesmo conduz cada homem para o Seu mistério. A mistagogia é iniciação ao mistério ou a compreensão do mistério de Deus.

Para se ter mais clareza a respeito do conceito de OE segundo Ulpiano Vázquez Moro, é imprescindível explicar ainda três pontos: a vida de Cristo como horizonte, o Espírito como Orientador e a inscrição no coração.

A respeito do primeiro ponto, se tem que: “O próprio e peculiar da orientação espiritual cristã é Jesus Cristo. [...] A vida de Cristo é o horizonte de toda orientação. O ponto de referência que é Deus se torna, para nós, mais concreto: uma vida humana.”³¹

Cada pessoa entende que as marcas na sua história e a maneira como esta história é conduzida, têm sua referência na vida humana de Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Assim, “é nos mistérios

²⁹ MORO, 2001, p. 10.

³⁰ MORO, 2001, p. 11. (grifo do autor).

³¹ MORO, 2001, p. 12.

da sua Vida que a vida humana pode encontrar não só um horizonte exemplar, mas horizonte de con-formação.”³² Ou seja, a vida de Cristo ilumina a vida humana.

Com relação ao segundo ponto, é necessário entender que na OE é o Espírito Santo quem orienta:

O “orientador” ou acompanhante tem de estar atento à maneira como o Espírito Santo conduz a pessoa, ou à maneira como esta se deixa ou não conduzir pelo Espírito Santo. O termo “espiritual” aplicado à orientação adquire assim toda sua força: para o batizado o processo de orientação é obra do Espírito Santo; é graças à sua moção que a pessoa é capaz de discernir em si e nos outros o chamado que o Pai faz à humanidade em seu Filho Jesus Cristo na comunidade dos “convocados”, na Igreja.³³

Neste ponto, estão, implicitamente, algumas características que as pessoas devem apresentar no processo de orientação: docilidade, discernimento, autoconhecimento, vida comunitária, graça sobrenatural. Pretende-se trabalhar noções ao longo do segundo capítulo quando se tratará das características do “orientador”. Mas, por enquanto, o que importa é que, para todo batizado a orientação espiritual é uma ação do Espírito Santo. Isso significa dizer que o ponto de referência entre o “orientador” e o orientando é a graça do Espírito Santo.

Por fim, com relação ao terceiro ponto, é preciso saber que: “essa vida de Jesus Cristo, que é o horizonte de referência, essa orientação que é moção do Espírito Santo, tudo isso não fica fora, mas está inscrito em nosso coração.”³⁴

Pode-se dizer que essa inscrição no coração vai ao encontro daquilo que disse Nouwen, se referindo à meta da direção espiritual, já citada acima, como sendo uma vida espiritual que vai crescendo partindo do coração. Mas, não somente ouvir o coração, mas, ouvir com o coração.

Ainda, algo mais sobre o processo de ouvir com o coração, segundo Nouwen:

³² MORO, 2001, p. 12.

³³ MORO, 2001, p. 13.

³⁴ MORO, 2001, p. 14.

Introspecção e oração contemplativa são as antigas disciplinas pelas quais começamos a ver Deus em nosso Coração. A oração interior é uma atenção cuidadosa Àquele que mora no centro de nosso ser. Através da oração, despertamo-nos para Deus dentro de nós. [...] Estando despertos para Deus em nós, conseguimos ver cada vez mais Deus no mundo à nossa volta.³⁵

Parece cada vez mais claro que uma das “metas” da orientação espiritual, seria esta ajuda para as pessoas aprenderem a escutar com o coração. É o coração como que um aparelho que centraliza, ou que recebe a voz de Deus. Assim, quanto mais treinado nesta linguagem do coração, tornar-se-á mais atento à voz de Deus.

Passemos agora, à algumas imagens bíblicas que sugerem algum tipo de orientação. Pessoas que com sua escuta à voz de Deus, apontaram o caminho para Ele.

1.2 IMAGENS BÍBLICAS

Na tradição cristã, a Sagrada Escritura é uma das fontes que inspira e orienta o caminhar do Povo de Deus. Desse modo, olhar como a OE, ainda que não de forma sistematizada, se apresenta no decurso do relato bíblico é fundamental. Na secção que segue, faremos, principalmente a partir do Antigo Testamento, sobretudo nos escritos proféticos, dos Evangelhos Sinóticos e dos Escritos Paulinos, uma breve leitura espiritual de imagens que sugerem modos de OE

1.2.1 Antigo Testamento

Ao longo da história, muitas foram as experiências de Deus. Ele sempre tem a iniciativa de se comunicar ao seu povo, Ele se autorevela a nós como um Deus de amor. A partir disso, então se tem uma série de relatos bíblicos sobre este relacionamento de Deus com o seu povo, e depois como o povo foi dando respostas a essa iniciativa divina. Ele,

decidindo abrir o caminho da salvação sobrenatural, manifestou-se a si mesmo desde o

³⁵ NOUWEN; CHRISTENSSEN; LAIRD, 2008, p. 16.

princípio, aos nossos primeiros pais. Depois da queda destes, juntamente com a promessa da redenção deu-lhes a esperança da salvação (cf. Gn 3,15), e cuidou continuamente do gênero humano, para dar a vida eterna a todos aqueles que, perseverando na prática das boas obras, procuram a salvação (cf. Rm 2,6-7). No devido tempo chamou Abraão, para fazer dele um grande povo (cf. Gn 12,2-3), ao qual, depois dos patriarcas, ele ensinou, por meio de Moisés e dos profetas, a reconhecer em si o único Deus vivo e verdadeiro, o Pai providente e o juiz justo, e a esperar o Salvador prometido;³⁶

Inicia-se esta abordagem bíblica pela figura de Moisés. Ele vai se tornando um guia de Deus para o povo, com traços daquele que orienta o povo. Moisés,

se faz íntimo amigo do transcendente. Deus fala com ele [...] face a face. Como um amigo fala com o outro: Não voltou a surgir em Israel profeta semelhante a Moisés, com quem o Senhor tratasse face a face (Dt 34,10)³⁷.

Vê-se aqui, a relação de amor que o Senhor tem com Moisés, uma relação próxima. Era através dele que o Senhor falava ao seu povo, dava as orientações, mostrava o caminho a seguir, e de fato, “poderíamos procurar em todos os profetas esta missão de orientadores, educadores, testemunhas no meio do povo”³⁸.

Voltando ainda a *Dei Verbum* (DV) 3, onde diz que Deus “manifestou-se a si mesmo desde o princípio”, desde então, começa a traçar seu plano de salvação para todo o gênero humano. Para isso, faz uma Aliança que começa a tomar forma com Abraão (Gn 15, 7-18; 17,1-13). “Todavia, a aliança que mais marcou a consciência israelita e

³⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. *Dei Verbum*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965)**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p.347-367. p. cit. 349 ; DV 3.

³⁷ SCIADINI, Patrício. **A Pedagogia da Direção Espiritual**. São Paulo: Carmelitana; Loyola, 2006. p. 27.

³⁸ SCIADINI, 2006, p. 28.

cristã foi a Aliança do Sinai (Ex 19-24), celebrada pela intermediação de Moisés.³⁹ Cita-se agora o texto bíblico relatando esta situação:

E da montanha Iahweh o chamou, e lhe disse: "Assim dirás à casa de Jacó e declararás aos filhos de Israel: 'Vós mesmos vistes o que eu fiz aos egípcios, e como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe a mim. Agora, se ouvirdes, a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos, porque toda a terra é minha. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes, uma nação santa.' Estas são as palavras que dirás aos israelitas.[...] Então todo o povo respondeu: 'Tudo o que Iahweh disse, nós o faremos.'⁴⁰

Aqui se vê a importância daquele que ajuda o povo a escutar a voz de Deus. Ainda mais para aquele povo que estava sendo formado e dava seus primeiros passos rumo ao Senhor.

Em contrapartida, tem-se Aarão que quis tornar-se um guia como Moisés, mas não soube usar de sabedoria e torna-se um guia insensato, porque tenta satisfazer os desejos do povo e não a vontade de Deus.⁴¹ Ser guia espiritual pode ser uma sutil armadilha que pode levar a substituir o lugar de Deus por um bezerro de ouro. O papa Francisco afirma em sua homilia:

o povo entediou-se, reuniu-se em torno de Aarão e disse: "Mas há muito tempo não sabemos onde está Moisés, para onde ele foi, e nós estamos sem um guia. Faz-nos um deus que nos ajude a seguir adiante". E Aarão, que depois será sacerdote de Deus, mas ali foi sacerdote da estupidez, dos ídolos, disse: "Sim, dai-me todo o ouro e a prata

³⁹ SALVADOR, Federico R. **Compêndio de Teologia Espiritual**. Trad.: Antivan G. Mendes. São Paulo: Loyola, 1996. p.19.

⁴⁰ BÍBLIA de Jerusalém. 11. ed. São Paulo: Paulus, 2016; Ex 19,3b-8.

⁴¹ Ex 32, 1-6.

que tiverdes”, e eles deram-lhe tudo e fizeram um bezerro de ouro.⁴²

Outro personagem bíblico é Isaías, que também atuou junto ao povo e deu orientações para mostrar o caminho para Deus. Aqui ele está no reinado de Jaboatão (740-734 a.C.):

O que mais preocupa a Isaías durante estes primeiros anos é a situação social e religiosa. Comprova ele as numerosas injustiças, as arbitrariedades dos juízes, a corrupção das autoridades, a cobiça dos latifundiários, a opressão dos governantes. Tudo isso eles pretendem mascarar com a falsa piedade e com abundantes práticas religiosas (1,10-20). Mas Isaías reage de forma enérgica. Jerusalém deixou de ser a esposa fiel para se transformar em prostituta (1,21-26); a vinha cuidada por Deus somente produz frutos amargos (5,1-7).⁴³

Isaías queria que o povo deixasse a sua falsidade, corrupção, para viver uma vida de retidão, ou seja, de fidelidade ao Senhor. Então, a função deste profeta era lembrar ao povo da presença de Deus junto deles e o abandono dos outros deuses.

Isaías responde com um poema, em Is 2,6-22, que fala sobre a experiência da santidade de Deus. A seguir uma parte dele:

Com efeito, tu rejeitaste o teu povo, a casa de Jacó, porque ele desde tempos antigos está cheio de adivinhos, como os filisteus, no seu meio há muitos filhos de estrangeiros. Sua terra está cheia de prata e de ouro: não há fim para seus tesouros; sua terra está cheia de cavalos: não há fim para seus carros; sua terra está cheia de ídolos, e adoram a obra das suas mãos, aquilo que seus dedos fizeram [...] diante do esplendor da sua

⁴² DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO DA SANTA SÉ. **Fortes na Tribulação**. Vaticano: Vaticana. 2020. Homilia de quinta-feira, 26 de março de 2020. p. 151-152.

⁴³ SCHÖKEL, Luís Alonso.; SICRE DIAZ, J. L.; Trad.: Anacleto Alvarez. **Profetas I**. São Paulo: Paulus, 1988. p. 97. O LIVRO BÍBLICO SUBENTENDIDO NA CITAÇÃO TRATA-SE DE ISAIAS.

majestade, quando ele se levantar para fazer tremer a terra. O olhar altivo do homem se abaixará, a altivez do varão será humilhada; naquele dia só Iahweh será exaltado.⁴⁴

Ou seja, no dia em que o homem perceber a santidade divina, ele abandonará tudo para ficar com o Eterno. Predominantemente, a atitude de Isaías é “a denúncia, a sacudida das consciências de seus ouvintes, fazendo-os dar-se conta de que sua situação não é tão boa como pensam. E como consequência disso, desenvolve amplamente o tema do castigo.”⁴⁵

Mostrar a verdadeira situação de como se encontra uma pessoa é, de fato, uma tarefa que exige sabedoria e percepção sensível. Isaías não só mostra uma realidade para mexer nas consciências, mas, clama “que o homem se converta (1,16-17;9,12), pratique a justiça, mostre-se humilde perante Deus.”⁴⁶ Ele mostra-se, assim, um bom orientador.

Outro personagem bíblico que podemos tomar como exemplo é Jeremias. Certamente a intenção aqui não é fazer uma exegese bíblica, mas pode-se dizer que Jeremias é o profeta que mais se conhece.⁴⁷ Contudo, é difícil demonstrar os pormenores de sua trajetória. Jeremias “não se limitou a transmitir a palavra de Deus; transmitiu-nos igualmente a sua palavra, as suas dúvidas, inquietações e temores.”⁴⁸

Ainda muito cedo, Jeremias recebeu a vocação profética. Eis um trecho:

A palavra de Iahweh me foi dirigida nos seguintes termos: Antes mesmo de te modelar no ventre materno, eu te conheci; antes que saíesses do seio, eu te consagrei. Eu te constituí profeta para as nações. Mas eu disse: “Ah! Senhor Iahweh, eis que eu não sei falar, porque sou ainda criança!” Mas Iahweh me disse: Não digas: “Eu sou ainda criança!” Porque a quem eu te enviar, irás, e o que eu te ordenar falarás. Não temas diante deles,

⁴⁴ Is 2,6-8;10b-11.

⁴⁵ SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 98.

⁴⁶ SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 98.

⁴⁷ SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 431.

⁴⁸ SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 432.

porque eu estou contigo para te salvar, oráculo de Iahweh.⁴⁹

Pode-se perceber um profeta com medo de anunciar a Palavra de Deus. Um profeta que duvidou de si mesmo e também, de certa forma, da ação de Deus. Mas, que consegue superar suas limitações humanas para dar o devido valor à graça divina em sua vida e na vida daquele povo.

É claro, que Jeremias ensina também outras coisas a respeito

da vocação e das suas crises, sobre a perturbação diante dos falsos profetas, sobre a idolatria, o falso culto de Deus, as injustiças. Contudo, caso quiséssemos resumir numa só palavra a sua mensagem, deveríamos falar de conversão. Jeremias, seguindo Oséias, imagina as relações entre Deus e o povo em chave matrimonial. O povo, como mulher infiel, abandonou a Deus; é por isso que precisa se converter, precisa voltar. [...] Não devemos, contudo, esquecer o aspecto mais duro, aquele que lhe provocou maiores perseguições; o aspecto político. Aceitar o jugo de Nabucodonosor foi para o profeta o sinal mais evidente da volta ao Senhor e do reconhecimento de sua vontade.⁵⁰

Jeremias, bem como um orientador espiritual de nossos dias, aceita a vontade de Deus mesmo que seja difícil. Ele entende que até isso servirá de instrumento de crescimento interior e de toda a comunidade.

Já, o livro de Daniel está situado no âmbito da literatura apocalíptica.⁵¹ Um das principais características semelhantes com a apocalíptica, são as pseudomínias, ou seja, o fato de atribuir o escrito não ao autor que dá o nome ao livro, mas a um personagem do passado. Outra é a utilização de sonhos e visões como forma da comunicação de

⁴⁹ Jr 1,4-8.

⁵⁰ SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 440.

⁵¹ SCALABRINI, Patrizio Rota. **Livros Proféticos**. Trad.: Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 204.

Deus. Revelações complexas e de difícil interpretação. E uso de um simbolismo enfático, ou seja, de compreensão não imediata.⁵²

Ainda, outro aspecto de Daniel, bem como da apocalíptica é com relação ao seu conteúdo, porque esse livro tem “uma clara visão da história. Nela a posição do escritor se situa artificialmente no passado para iluminar a história presente sob a forma de predição profética.”⁵³

Acredita-se que na orientação espiritual é usada muito também a linguagem simbólica como no livro de Daniel. Ainda, o que chama atenção na figura de Daniel é sua sabedoria, como no caso de Susana em Dn 13:

A trama é linear: a beleza de uma jovem esposa, Susana, atrai as atenções lascivas de dois anciãos do povo. Seus desejos libidinosos dão de frente com a integridade moral da mulher, que não cede às investidas, nem mesmo diante de uma denúncia (falsa) pela qual seria exposta ao público e condenada à morte. Os dois velhos depravados concretizam seu plano doentio e fazem condenar à morte Susana. [...] Daniel, não concorda com a sentença contra ela e com a superficialidade com que é decretada a condenação. Daniel tem a consciência límpida e crítica diante da fácil complacência das pessoas e em face das calúnias e das pressões do poder. Em uma espécie de recurso ao processo emerge toda a falsidade das acusações contra a jovem. Os acusadores são condenados à morte, ao passo que Susana é libertada.⁵⁴

Daniel usa muito bem uma característica que, também faz parte da orientação espiritual: o discernimento. Ele sabe encontrar a verdadeira intenção escondida por trás das superficiais aparências. E por consequência, consegue ajudar uma pessoa que estava sofrendo como resultado da injustiça. Ser orientador espiritual é usar do discernimento para restabelecer a justiça.

⁵² SCALABRINI, 2019, p. 204.

⁵³ SCALABRINI, 2019, p. 204.

⁵⁴ SCALABRINI, 2019, p. 220.

1.2.2 Evangelhos

Neste momento quer se fazer uma breve reflexão sobre a mensagem e a espiritualidade dos evangelhos. Começamos por aquilo que o papa Francisco traz na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento.”⁵⁵

A mensagem do Evangelho é o centro da orientação espiritual. E de fato, quem se encontra com esta mensagem tem um sentido para sua vida. Encontra a alegria, a felicidade.

Jesus é o centro da vida cristã. Mas, muito melhor que conhecer Jesus teoricamente, é conhecê-lo verdadeiramente. Ou seja, ter uma experiência autêntica com o mestre. Pois,

Jesus é o verdadeiro centro da unidade da vida espiritual. Está se operando, tanto no plano da ciência como no da experiência, uma forte redução de todas as ramificações do cristão em direção ao que é essencial [...] o âmago do centro: Jesus Cristo, que realiza e manifesta o mistério de Deus e o mistério do homem.⁵⁶

Jesus é o essencial na vida do cristão. Mas, cabe mencionar que Ele é uma pessoa, um grande mistério na história da humanidade. E, são os evangelhos que vão tentar transmitir algumas informações sobre este grande mistério que mudou a história humana.

Para isso, o evangelho de Marcos faz “uma pergunta crucial a todos os leitores: Quem acreditais vós que eu sou? (8,29)”⁵⁷ No livro aparecem vários grupos que tentam responder a esta pergunta. Mas, talvez quem seja o melhor destinatário é quem o lê agora.

Entra-se, num itinerário profundo de conhecimento sobre a pessoa de Jesus. Por isso, o leitor é convidado a estar com Cristo desde seus primeiros passos de missão, até o momento revelador da cruz. Pois, “a cristologia de Marcos, sendo uma ‘teologia narrativa’ e não uma

⁵⁵ FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Brasília: CNBB, 2015. p. 7; EG 1.

⁵⁶ SALVADOR, 1996, p. 88.

⁵⁷ LENTZEN-DEIS, Fritzleo. **Comentário ao Evangelho de Marcos: modelo de nova evangelização**. São Paulo: Ave Maria, 2003. p. 37.

‘teologia sistemática’, leva o leitor até o momento da cruz, no qual é proclamado o Filho de Deus na pessoa do Messias crucificado. (15,39)”⁵⁸

Já no evangelho de Mateus,

a revelação divina acerca de Jesus como o Messias, o Filho de Deus, aparece no meio do evangelho (Mt 16,16); as expressões Filho de Deus e Filho do Homem predominam amplamente e a denominação Emanuel surge no começo e no fim. Jesus é comparado implicitamente a Moisés na narrativa da infância e no Sermão da Montanha; o paralelismo davídico é forte na genealogia e nos últimos dias da vida de Jesus. A identificação de Jesus com a divina Sabedoria também se faz presente (cf. Mt 11,19,27).⁵⁹

O evangelho de Mateus traz uma narração um pouco mais elaborada com relação a Marcos. Parece que Mateus fez uma cópia de Marcos e acrescentou alguns capítulos. “Estima-se que Mateus reproduza cerca de 80% de Marcos.”⁶⁰

Mateus traz questões relacionadas à eclesiologia, que se encontram no capítulo 18.

O reino do céu tornou-se bem complexo, envolvendo tanto uma varredura na história da salvação quanto uma consumação escatológica. A Igreja não faz fronteira com o reino do céu, mas tem uma função na qualidade de o lugar onde Jesus é confessado com Senhor.⁶¹

Aquele que é orientado dentro de uma OE, deve também confessar Jesus como Senhor. Seguindo os escritos mateanos, o lugar dessa declaração é na Igreja. Dito de outro modo, o senhorio de Jesus

⁵⁸ LENTZEN-DEIS, 2003, p. 37.

⁵⁹ BROWN, Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. Trad.: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 318.

⁶⁰ BROWN, 2004, p. 261.

⁶¹ BROWN, 2004, p. 318.

passa por uma dimensão comunitária. Por conseguinte, a própria OE também tem uma dimensão comunitária, que é esta declaração.

É encontrado em Lucas um texto bem mais elaborado, pois em seu início está assim: “a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste.”⁶². Então, o autor pesquisou muito bem antes de escrever o seu livro.

Seu destinatário é Teófilo. Mas, também os pagãos. Pois assim cita Sicre:

São gentios: omite coisas duras para eles como o disse Mt 10,5 (“Não tomeis os caminhos dos gentios”) e 15,24 (“Eu não fui enviado...”); omite a história da cananéia; recolhe notas de universalismo e aberturas aos pagãos (2,31s; 4,25-27); deixa muito bem os samaritanos (10,33-37; 17,18-19; elogia o centurião (7,10); os gentios precederão a Israel (13,29-30).⁶³

Por isso, este evangelho também é considerado o da misericórdia. Inclusive, ele traz as três parábolas da misericórdia no capítulo 15: a ovelha perdida, o bom samaritano e o pai misericordioso. Este é um bom tema para ser tratado numa orientação, as misericórdias do Pai. E é o livro de Lucas um bom embasamento bíblico para este tema.

Por fim, o evangelho de João traz a figura do Bom Pastor. “Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas.”⁶⁴ Não se trata de um pastoreio que controla e pune as suas ovelhas. Mas o modo de Jesus é dar a sua vida.

O que Ele fez foi só “entregar-se”, consumir-se, terminar crucificado dando a vida pelas ovelhas. Aquele que não é verdadeiro pastor pensa em si mesmo, “abandona as ovelhas”, evita os problemas e “foge”. A alegoria do “bom pastor” lança uma luz decisiva: quem tem alguma

⁶² Lc 1,3-4.

⁶³ SICRE, José L. **Um encontro Fascinante com Jesus**: Introdução aos Evangelhos. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 250. (grifo do autor).

⁶⁴ Jo 10,11.

responsabilidade pastoral deve parecer-se com Jesus.⁶⁵

A orientação que ser uma tradução dessa imagem do Bom Pastor, ao se responsabilizar por uma ovelha do redil do Senhor. E o orientador deve ter os mesmos sentimentos de Jesus ao desembarcar às margens do mar, “viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor.”⁶⁶

1.2.3 Escritos Paulinos

Passa-se agora, a uma figura importantíssima do cristianismo primitivo que é Paulo. Poderia se falar só sobre sua personalidade, ou então, sobre sua biografia: cidade natal, cidadania romana, Saulo também chamado Paulo, formação na escola de Gamaliel, de perseguidor a perseguido, o caminho de Damasco, as viagens missionárias, o evangelho de Paulo. Fica assim, restrita esta abordagem a alguns temas paulinos como: a pregação com fraqueza, o chamado de Paulo e sobre a nova criação.

Pode-se perceber que Paulo

[...] desconfia da retórica e da cultura profanas, para não correr o risco de desvirtuar o anúncio de Jesus Cristo crucificado. Prefere se apresentar aos destinatários da sua missão numa atitude discreta e propor o Evangelho de forma simples, para que a adesão de fé seja fundamentada na ação poderosa de Deus e na força do Espírito.⁶⁷

Isso vai ao encontro do que já foi falado acima, no que tange à ação do Espírito Santo no processo da orientação espiritual. É a ação do Espírito Santo que trará eficácia ao processo, que não pode ser confundido com as qualidades pessoais do orientador que também ajudam. Eis o que diz outro texto bíblico:

⁶⁵ PAGOLA, J. A. **O caminho aberto por Jesus**: João. Trad.: Lúcia Mathilde E. Orth. Petrópolis: Vozes. 2013. p. 150.

⁶⁶ Mc 6,34.

⁶⁷ FABRIS, Rinaldo. **Paulo**: Apóstolo dos gentios. Trad.: Euclides Martins Balanci. 6 ed. São Paulo: Paulinas. 2010. p. 62.

Irmãos, quando fui até vós anunciar-vos o mistério de Deus, não recorri à oratória ou ao prestígio da sabedoria. Pois, entre vós, não julguei saber coisa alguma, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado. Aliás, estive junto de vós com fraqueza e receio, e com muito tremor. Também a minha palavra e a minha pregação não se apoiavam na persuasão da sabedoria, mas eram uma demonstração do poder do Espírito Santo, para que a vossa fé se baseasse no poder de Deus e não na sabedoria humana.⁶⁸

Outro ponto que se quer levantar é o “chamado” de Paulo. No início da carta aos Romanos, capítulo primeiro e versículo primeiro ele se autodenomina como uma pessoa chamada para evangelizar: “Paulo, servo do Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus.”⁶⁹

Dessa forma, pode-se relacionar com a “vocação” do orientador que tem a missão de evangelizar os seus orientandos, ou seja, ser orientador é uma vocação. Essa vocação não deve ser uma iniciativa pessoal, mas iniciativa divina.

Por fim, outra característica na pregação paulina é o tema da nova criação. Para Paulo não importam mais as tradições religiosas para quem não as conhecem como os gentios. Para ele a Lei mosaica é uma pedagoga que deve levar até o Cristo. O que importa para Paulo é o encontro com o ressuscitado. Este encontro torna as pessoas novas.

Paulo afirma que para a nova relação com Deus e salvação final não tem papel decisivo nem a pertença ao povo de Deus, Israel, fundada no rito da circuncisão, nem a condição de pagãos, mas o que importa é ser ‘nova criação’.⁷⁰

Aqui, Paulo não baseia sua autoridade no seu passado de um bom judeu, de um homem justo perante a lei. Mas invoca aquele resultado causado por Jesus na vida do cristão, ou seja, a obra nova. Esta obra nova, é o que o orientador evidencia na vida de seus orientandos. Na prática, é isto que se faz na orientação: deixar a vida em Cristo ressurgir

⁶⁸ 1Cor 2,1-5.

⁶⁹ Rm 1,1.

⁷⁰ FABRIS, 2010. p.154.

perante uma vida velha que determinado orientando esteja vivendo. Porque o que conta é ser nova criatura. “Ser ou não ser circuncidado não tem importância; o que conta é ser nova criatura.”⁷¹

Por fim, feito este percurso dos conceitos da OE: estar atento a ouvir a voz de Deus, treinado na voz do coração, perceber a teografia na vida pessoal, e dessa forma entra nos mistérios de Cristo. Depois, passado por imagens bíblicas que sugerem um protótipo de orientação: Moisés que guiava o povo, Daniel com seus símbolos, Jeremias e sua vocação, os evangelhos que seu anúncio da vida plena em Jesus, Paulo e a nova criação. Sugere-se agora, passarmos aos agentes dessa relação propriamente dita da OE. Por isso, se falará da pessoa que pede orientação, da pessoa que orienta e da atuação da graça.

⁷¹ Gl 6,15.

2 ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL E SEUS AGENTES

A OE, como visto acima refere-se geralmente à partilha, conversa, abertura etc. Esses elementos relacionais que nos fazem estar sempre em contato uns com os outros. Por isso, esta segunda parte tem por objetivo, abordar os diferentes agentes envolvidos no processo da OE, as suas características e o papel de cada um deles neste processo.

Antes de entrar neste tema propriamente dito, ressalta-se que para as diferentes áreas do conhecimento que estudam as relações humanas e a espiritualidade, “tudo é psíquico, embora o psíquico não seja tudo. Porque a psique é mediação entre o biológico e o cultural. [...] em sua relação com Deus, existe um fator único, específico e imprescindível: a graça divina.”⁷²

Talvez, um dos pontos em comum, entre fé e ciência, seja o cérebro. Um órgão tão fascinante e que nos ajuda na relação com o divino. Pois,

[...] certas regiões especificamente criadas em nosso cérebro animal poderão tornar esse órgão muito mais “humanizante”, sincronizando-o, como antenas que captam através da crença e da religião, com as vibrações e orientações do infinito por meio das quais Deus está realizando Sua sublime vontade em nós, moldando-nos segundo Sua imagem, desenvolvendo em nós a perseverança, a disciplina, a fidelidade e a pureza de atitudes que nos tornarão cada vez mais semelhantes a seu próprio Filho, dentro de um plano grandioso.⁷³

Ou seja, Raul Marino Junior conclui que, nosso cérebro foi criado para ser um meio de comunicação entre nós e Deus. Para isso apresentou em seu livro, *A Religião do Cérebro*, as estruturas do cérebro e do sistema límbico, das experiências de quase morte e relacionou-as como experiência do Divino, e apresentou uma teologia da Trindade no homem: corpo, alma e espírito. Ele diz ainda que:

⁷² ALETTI, 2008, p. 119.

⁷³ MARINO JUNIOR, Raul. **A religião do cérebro**: as novas descobertas da neurociência a respeito da fé humana. São Paulo: Gente, 2005. p. 143.

Hoje sabemos que o amor começa mesmo é no cérebro, com o qual amamos e odiamos. Com o cérebro desenvolvemos nossos sentimentos religiosos, nossas crenças, nossa fé, nossa ética e nossa moral. É ele que nos permite meditar, orar ou contemplar a divindade e o mundo do espírito.⁷⁴

Ele diz isso no sentido de que o cérebro é o centro que processa as informações a respeito da fé, da ética, da oração, etc... Mas, sabe que, se olharmos para os santos que foram grandes doutores da espiritualidade, “teremos a impressão de que a porção do cérebro que utilizamos cotidianamente para nos comunicar com a Divindade é apenas uma gota no oceano.”⁷⁵

2.1 O PROCESSO

Ressalta-se um trabalho do psicólogo clínico Júlio Peres que analisou vários periódicos da década de 90 que estudavam sobre como a experiência espiritual ajudava na qualidade de vida das pessoas. Ele concluiu que a “significativa maioria dos estudos mostrou o impacto positivo da espiritualidade no processo de recuperação psicológica e física de pacientes que passaram por enfermidades severas.”⁷⁶ Vê-se, assim, uma aproximação significativa entre espiritualidade e ciência. Isso dá margem para que se entenda que a OE influencia na dimensão psicológica e, claro, vice-versa, visando a qualidade de vida, a felicidade, a santidade. Cada área utilizará seus critérios. No caso da OE, “deve discernir no Espírito o que o Espírito diz em relação à existência ‘espiritual’ dessa pessoa, individualmente.”⁷⁷

Na OE respeita-se a subjetividade, pois aquele que pede a orientação é acolhido como uma pessoa individualizada, com suas

⁷⁴ MARINO JUNIOR, 2005, p. 122.

⁷⁵ MARINO JUNIOR, 2005, p. 124.

⁷⁶ PERES, JÚLIO. Psicoterapia e espiritualidade: convergência possível e necessária. In: BORGES, Evilázio F. Et al. **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 147-167. p. cit. 148-149.

⁷⁷ MOIOLI, Giovanni. Discernimento Espiritual e Direção Espiritual. In: CORTI, Renato; MOIOLI, Giovanni; SERENTHÀ, Luigi. **A direção espiritual hoje: discernimento cristão e comunicação interpessoal**. Trad.: Alda da Anunciação Machado. 2 Ed. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 45-67. p.cit. 61.

idiosincrasias. A subjetividade na orientação espiritual deve ser olhada segundo o Espírito e não somente através de uma técnica.

Ou seja, como diz Moiola a orientação “deve discernir no Espírito”. É claro, que isso não é função de um psicoterapeuta. Contudo, função do orientador. Então, orientador e orientado seriam alheios ao processo de OE, para seguir as orientações do Espírito? Mas, como descobrir a ação do Espírito na orientação?

A ação do Espírito, na pessoa que está buscando fazer a vontade de Deus, tem uma manifestação experiencial e exclusiva.⁷⁸ E ainda,

essa manifestação é denominada por Inácio “consolação” [...] Para o povo que andou muito tempo no deserto, a areia é devastação, assolação, “desolação”. Identificou então o Espírito Santo com aquele que ia dar consolação, firmeza e alegria, certeza de que está no lugar. A consolação é o sinal de que a orientação está acontecendo ou que estamos caminhando no caminho de Deus.⁷⁹

Consolação e desolação são dois conceitos específicos da espiritualidade inaciana. O primeiro é quando a alma inflama-se de amor pelo Senhor, e nenhuma criatura pode atrapalhar. É todo o aumento de fé, esperança e caridade e toda alegria interior que atrai as coisas celestiais.⁸⁰ Já o segundo conceito é a obscuridade da alma, inclinação para coisas baixas, levam para falta de fé, esperança e amor.⁸¹

Talvez algumas pessoas que solicitam orientação não conseguem justamente perceber esta ação do Espírito Santo. Um dos objetivos da orientação é tentar mostrar à pessoa esta ação que está diante de seus dos olhos.

Santo Inácio chama de “discurso” o percurso que a consolação ou desolação vai fazendo na afetividade, como que um desenho ou uma

⁷⁸ MORO, 2001, p. 16.

⁷⁹ MORO, 2001, p. 17.

⁸⁰ FARIAS I. **Santo Inácio de Loyola**: Da Consolação e da Desolação. 2010. Não paginado. Disponível em: <https://beinbetter.wordpress.com/2010/03/03/santo-inacio-de-loyola-da-consolacao-e-da-desolacao/amp/> Acesso 08 jul 2020.

⁸¹ FARIAS, 2010, Não paginado.

marca.⁸² O discurso tem início, meio e fim, e pode ser lido ou interpretado e Santo Inácio chama o fato de poder ser lido: lição.⁸³

A medida que Deus escreve no coração humano, se pode ler a lição de Deus. “Ou, ao contrário, para ver qual é a lição que o inimigo da natureza humana quer escrever em mim. Isso é ‘discernir’.”⁸⁴

Portanto, discernir é:

perceber aonde é que a consolação, no seu percurso, me leva, ou perceber aonde é que a desolação, na sua trajetória, quer me levar. A maneira concreta de realizar a orientação: decifrar as marcas das moções que criam uma trajetória, como uma frase que pode ser lida para tirar a lição de Deus, o que Ele escreve em mim e permite que eu leia.⁸⁵

A função de “decifrar as marcar das moções”, é outra característica forte desse processo de OE. Ou seja, discernir entre as consolações e desolações.

Mas, ainda, dentro da OE existem confusões sobre o seu papel na vida da comunidade e dos fiéis. E também sobre as funções de cada integrante da OE.

Daí nascem os problemas que hoje se discutem e se debatem na comunidade eclesial em todos os seus níveis: os limites da intervenção espiritual, mas também a exigência de seu conselho e de sua presença na vida dos cristãos; o significado de sua autoridade, mas também o da liberdade das pessoas; a ação do Espírito Santo e de seus dons, que estimulam os fieis a corresponder de maneira adequada e livre. Dois agentes se confrontam com o padre espiritual no contexto do homem de hoje: o Espírito Santo e o homem crente.⁸⁶

⁸² MORO, 2001, p. 18.

⁸³ MORO, 2001, p. 18.

⁸⁴ MORO, 2001, p. 19.

⁸⁵ MORO, 2001, p. 19.

⁸⁶ MERCATALI, 1993, p. 869.

É importante deixar claro, para melhor entendimento desses problemas, que na pedagogia da OE são três os agentes: Deus, a pessoa que pede orientação e o orientador espiritual.

Não se tem dúvida de que Deus é o primeiro educador e orientador do coração humano. O homem nas mãos de Deus é como barro nas mãos do oleiro, como diz o livro do profeta Jeremias: “Eis que, como a argila na mão do oleiro, assim sereis vós na minha mão, ó casa de Israel!”⁸⁷ Deus em seu amor faz esta moldagem como um processo purificador de Sua obra. Pois, Ele sabe, na sua infinita bondade, o que é melhor para cada pessoa. Ele é

[...] o artista verdadeiro que modela o ser humano segundo a sua imagem e semelhança para que possa ter a felicidade completa. [...] Deus se manifesta pelo Espírito do seu amor como o protagonista principal do caminho humano e da busca de felicidade. Mas Deus não pode realizar o seu projeto de amor e de carinho se o homem se fechar a sua graça e negar a sua cooperação.⁸⁸

Deus age com sua bondade, como orientador principal, mas não pode fazer sem a liberdade do homem e sua abertura ao transcendente. Tem-se aqui, o outro agente da OE: a pessoa que pede orientação.

2.2 A PESSOA QUE PEDE ORIENTAÇÃO

O cristão busca aprofundar seu caminho espiritual para alcançar sua maturidade. A esta pessoa cabe “corresponder à graça de Deus, ao chamado e percorre, apoiando-se e fortalecido na graça de Deus, o caminho que lhe é proposto. [...] Ele sempre exige o nosso sim para poder atuar em nossas vidas.”⁸⁹ Pois, “é só na liberdade que o homem se pode converter ao bem.”⁹⁰ Esta liberdade é um dom que Deus nos deixou, mas, não se pode exagerar no seu uso, correndo-se o risco de cair no pecado. Pois, “o pecado é um abuso da liberdade que Deus dá às pessoas criadas para que possam amá-lo e amar-se mutuamente.”⁹¹

⁸⁷ Jr 18, 6.

⁸⁸ SCIADINI, 2006, p. 52.

⁸⁹ SCIADINI, 2006, p. 53.

⁹⁰ GS 17.

⁹¹ CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 110; CIC 387.

Mas, o que procura a pessoa quando se dirige a um orientador espiritual? Sugere-se neste momento aquela pergunta que Jesus faz ao cego do evangelho de Lucas: “O que queres que te faça?”⁹² E Jesus, vendo a fé do cego e a procura insistente da cura, no mesmo instante lhe devolve a visão.

Ou ainda, aquela outra pergunta feita por Jesus aos discípulos de João que o acompanhavam pelo caminho sem ainda conhecê-lo: “Que estais procurando?” Disseram-lhe: ‘Rabi (que, traduzido, significa Mestre), onde moras?’ Disse-lhes: ‘Vinde e vede’. Então eles foram e viram onde morava, e permaneceram com ele aquele dia.”⁹³

Portanto, OE é este processo de procura e de desejo de que Jesus faça alguma coisa em sua vida pessoal. As pessoas que a buscam

[...] são normalmente pessoas que vivem um grande desejo de perfeição e, não encontrando o caminho para se livrar da mediocridade, tentam buscar alguém que consideram mestre na vida interior para pedir ajuda. Outros procuram para resolver dúvidas de fé, ou porque vivem momentos de insegurança sobre determinados temas referentes à religião, ou ainda porque querem aprofundar alguns pontos da vida espiritual. Às vezes, são pessoas que querem discernir o caminho a seguir na realização da própria vocação.⁹⁴

É o que se pode resumir naquela busca pelo sentido de vida, a busca pela felicidade. O ser humano, na busca por saciar a sua sede, deixa transparecer, de alguma forma, aquilo que disse a samaritana no poço de Jacó: “Senhor, dá-me desta água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la!”⁹⁵ A fonte está dentro de si mesmo. Alguns sentem medo de perceber que Deus está no mais íntimo de si. Na verdade, olhar para dentro de si é desafiador,

sente-se uma espécie de receio do silêncio, do recolhimento, do pensar nas próprias ações, o sentido profundo da própria vida, outras vezes

⁹² Lc 18, 41.

⁹³ Jo 1,38-39.

⁹⁴ SCIADINI, 2006, p. 150.

⁹⁵ Jo 4, 15.

prefere-se viver só o momento, iludindo-se que traga felicidade duradoura; prefere-se viver com superficialidade, sem pensar; tem-se medo de procurar a Verdade ou talvez receia-se que a Verdade nos encontre, se apodere de nós e mude a vida, como aconteceu com Santo Agostinho.⁹⁶

A OE quer ser uma ajuda para as pessoas no encontro de respostas nesta incessante jornada da alma. Para se entender melhor sobre estas pessoas, hão de serem mencionados “em primeiro lugar, três aspectos objetivos e imanentes: o ser-em-si, o ser-por-si, e o ser-para-si.”⁹⁷ Pode ser chamada de dimensão de interiorização ou imanência.⁹⁸

2.2.1 Dimensão de Interiorização ou Imanência

Estes aspectos imanentes correspondem a três momentos: autopertença [...] autorresponsabilidade [...] autofinalidade.⁹⁹

Autopertença: a pessoa se autopertence, possui autonomia própria no nível ôntico. “Por pertencer a si mesma, a pessoa é incomunicável.¹⁰⁰” Na OE a pessoa não deve ser subjugada aos conselhos ou percepções de seu orientador, evitando, assim, uma relação de domínio de alguém que sabe para com alguém que não sabe. O segundo momento da dimensão imanente é a autorresponsabilidade, o que implica liberdade.

⁹⁶ Bento XVI. **Audiência Geral**. Castel Gandolfo. 15 Ago. 2010. Não paginado. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100825.html. Acesso em: 18 maio 2020.

⁹⁷ “en primer lugar, tres aspectos objetivos e imanentes: el ser-en-sí, el ser-de-por-sí y el ser-para-sí.” (SCHMAUS, M. *Teología Dogmática: La Trinidad de Dios*. Vol I. Madri: Rialp, 1960. p. 284, tradução nossa). Disponível em: https://kupdf.net/download/teolog-iacute-a-dogm-aacute-tica-schmaus-01-la-trinidad-de-dios-ocr_5afb7982e2b6f5c170d76e5a_pdf. Acesso em 19 de Jul de 2020.

⁹⁸ RUBIO, Afonso Garcia. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 3 Ed. São Paulo: Paulus, 2001. p. 307.

⁹⁹ “autopertencia [...] autorresponsabilidad [...] autofinalidad” (SCHMAUS, 1960, p. 284, tradução nossa).

¹⁰⁰ “Por pertenecerse a si misma, la persona es incomunicable.” (SCHMAUS, 1960, p. 284, tradução nossa).

Chamamos liberdade a capacidade de agir com base nas próprias decisões. A liberdade é as vezes um dom e uma carga. Na verdade, a liberdade impõe responsabilidade sobre a pessoa que age. (autorresponsabilidade).¹⁰¹

Paulo escreve, na carta aos Gálatas, sobre a liberdade cristã: “É para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão.”¹⁰² Para ele, a liberdade não é simplesmente aquele

[...] valioso direito do indivíduo de procurar os seus próprios interesses, mas como o direito do indivíduo na comunidade, onde os direitos eram condicionados não só pelos direitos dos outros, mas ainda mais pela responsabilidade ativa pelos outros.¹⁰³

Pode-se dizer que Paulo consegue casar liberdade e responsabilidade, numa ética que prioriza não só uma liberdade individual, mas que também pensa no corpo de Cristo como um todo. Poderia se pensar numa OE dentro desta ética paulina, em que cada membro da comunidade cristã é pastor do outro.

O terceiro momento da imanência é a autofinalidade, que pode ser explicado assim:

quando a pessoa age, ela faz para si mesma. Com sua atividade realiza primeiro sua própria essência. A pessoa carrega dentro de si mesma uma finalidade própria. [...] Não é lícito tratá-la como se fosse um mero utensílio, uma coisa utilizável.¹⁰⁴

¹⁰¹ “Llamamos libertad a la capacidad de obrar a base de decisiones propias. La libertad es a la vez un don y una carga. En efecto, la libertad impone a la persona responsabilidad respecto a su quehacer (autorresponsabilidad).” (SCHMAUS, 1960, p. 284, tradução nossa).

¹⁰² Gl 5, 1.

¹⁰³ DUNN, James D. G. **A teologia do apóstolo Paulo**. Trad.: Edwino Royer. São Paulo: Paulus. 2003. p. 743.

¹⁰⁴ “la persona, cuando obra, lo hace para si misma. Con su actividad realiza primero su propia esencia. La persona lleva dentro de si mismo una finalidad

Ou seja, há aqui uma elevação da dignidade da pessoa, é uma valorização da pessoa que não a deixa ser usada por uma cultura do descartável.¹⁰⁵

Para se continuar entendendo mais sobre esta pessoa que pede orientação, tem-se outra dimensão que pode ser chamada de abertura ou transcendência.¹⁰⁶

2.2.2 Dimensão de abertura ou transcendência

Esta dimensão comporta os seguintes aspectos fundamentais: abertura ao mundo, abertura aos outros e abertura a Deus. Começa-se falando sobre a abertura ao mundo:

[...] a pessoa é qualitativamente diferente das coisas do mundo da natureza, mas é igualmente certo que a pessoa humana, pessoa encarnada, forma parte também do mundo natural. É criatura entre as criaturas, unida a todas as outras numa solidariedade fundamental. É verdade que a pessoa humana, imagem de Deus, é chamada a trabalhar o mundo para transformá-lo em moradia digna dos homens (todos).¹⁰⁷

É importante que o ser humano viva de uma forma equilibrada com a criação. Já advertia São Paulo VI, na carta Apostólica *Octagesima Adveniens* (OA), sobre o perigo de uma atividade humana errada atingir o próprio ser humano. Nesse sentido, “por motivo de exploração inconsiderada da natureza, começa a correr o risco de destruí-la e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação.”¹⁰⁸

Mais fortemente vai falar o Papa Francisco sobre o tema da relação com o meio ambiente, a nossa Casa Comum. Na Encíclica

própria. [...] No es lícito tratarla como si fuera un mero utensilio, una cosa utilizable.” (SHMAUS, 1960, p. 284, tradução nossa).

¹⁰⁵ FRANCISCO, 2015, p. 37; EG 53.

¹⁰⁶ RUBIO, 2001, p. 307.

¹⁰⁷ RUBIO, 2001, p. 310.

¹⁰⁸ PAULO VI. **Carta Apostólica Octogesima Adveniens**. Vaticano: 14 de Maio de 1971. Não paginado. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html. Acesso 27 jul de 2020.

Laudato Si (LS) chama a atenção para uma “ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais.”¹⁰⁹ A sociedade habita na natureza. Portanto, deve-se ter comprometimento da nossa parte.¹¹⁰

Mas, também, o Papa traz que o progresso acontecerá quando for traduzida numa melhora da qualidade da vida cotidiana das pessoas.¹¹¹ Ele quis, com este documento, aperfeiçoar o olhar sobre esta questão da dimensão da abertura da pessoa ao mundo. Uma pessoa madura espiritualmente reza a Criação. Como relata o livro de Sabedoria: “pois a grandeza e a beleza das criaturas fazem, por analogia, contemplar seu Autor.”¹¹²

O próximo aspecto da dimensão de transcendência da pessoa é a abertura aos outros. Aspecto básico do ser pessoal que é completado pelo fato de que “a liberdade, autonomia e autofinalidade da pessoa se realiza na relação, no diálogo, no encontro, na abertura aos outros seres pessoais. Sair de si para o encontro (em diversos níveis) é constitutivo da pessoa.”¹¹³

O papa Francisco, sabendo desse aspecto de abertura aos outros, pede a toda a Igreja para estar em saída. Esta Igreja em saída “experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1Jo 4,10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo de ir ao encontro, procurar os afastados [...]”¹¹⁴ Ir ao encontro e estar em saída, devem ser ações contidas na rotina de todo cristão, ainda mais daquele que está buscando a maturidade cristã, através da orientação, visando esta abertura aos outros.

Acrescenta-se a esta “abertura aos outros”, mais um ponto que vem da doutrina paulina ao considerar a comunidade como Corpo de Cristo.

Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo. Pois

¹⁰⁹ FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si**. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 113; LS 137.

¹¹⁰ FRANCISCO, 2015, p. 108; LS 139.

¹¹¹ FRANCISCO, 2015, p. 114; LS 147.

¹¹² Sab 13, 5.

¹¹³ RUBIO, 2001, p. 310-311.

¹¹⁴ FRANCISCO, 2015, p. 20; EG 24.

fomos todos batizados num só espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito.¹¹⁵

Paulo ainda fala da diversidade de carismas e ministérios para o bem comum, em 1Cor 12,4-11. Ou seja,

[...] nossa inserção em Cristo e nossa participação em sua vida acontecem “socialmente”. Na eucaristia, essa união de todos com o Senhor na participação do único pão e do único cálice atinge sua máxima expressão. Não podemos sequer pensar na vida eterna sem levar em consideração este elemento da comunhão fraterna.¹¹⁶

O ser humano é um ser social¹¹⁷ e homem algum é uma ilha¹¹⁸, são noções bem conhecidas para traduzir esta dimensão da abertura aos outros. Mas, se pudéssemos também trazer um ponto negativo, bastaria mencionar “a doutrina do pecado original, que nos mostra como a ruptura da relação com Deus provoca a ruptura das relações entre os homens. Na mesma linha é preciso situar as noções de ‘estruturas de pecado’ etc.”¹¹⁹

Outro aspecto da dimensão de transcendência é a abertura a Deus. Esse “é o aspecto mais fundamental da pessoa. [...] Deus estabelece uma relação dialógica com o ser humano; só o ser humano pode falar com Deus e aceitar sua proposta.”¹²⁰ É uma elevação da dignidade do homem.

É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, e por ele, por amor, constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não

¹¹⁵ 1Cor 12,12.

¹¹⁶ LADARIA, Luis F. **Introdução à Antropologia Teológica**. Trad.: Roberto Leal Ferreira. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2016. p. 75. (grifo do autor).

¹¹⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 552; GS 12.

¹¹⁸ Título de um livro de Thomas Merton. MERTON, Thomas. **Homem algum é uma ilha**. Trad.: Timoteo Amoroso Anastacio. São Paulo: Versus, 2003.

¹¹⁹ LADARIA. 2016, p. 75.

¹²⁰ RUBIO, 2001, p. 311.

reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador.¹²¹

Viver para Deus deve ser a meta da vida do ser humano. Como diz santo Agostinho, Deus será a nossa recompensa e Nele se encontra todo necessário para a felicidade completa.¹²²

Portanto, ajudar no relacionamento com Deus tornando as pessoas mais atentas à sua voz deve ser um dos objetivos da orientação espiritual. Dito isso, se explicitará aquilo que foi mencionado acima sobre ser o orientador um dos agentes da OE.

2.3 A PESSOA QUE ORIENTA

Ao longo da história houve vários mestres que fizeram discípulos ou que constituíram escolas de formação nas diferentes áreas. Por exemplo, na antiguidade tem-se Sócrates, Plutarco, Epiteto, Sêneca, que foram guias de seu tempo, procurados por pessoas desejosas de respostas.¹²³ Mas, o que é ser um orientador espiritual?

Na época do monacato primitivo, o acompanhamento era visto como uma paternidade espiritual.

O pai espiritual é mais que educador, mais que um rabi e mestre da lei judaica. Sua paternidade funda-se na paternidade de Deus. Pai é aquele que concede vida a outros. Deus é pai no sentido absoluto. Cristo recebeu a paternidade dele por todos nós. O pai espiritual deve imitar Cristo, nosso pai.¹²⁴

Desde cedo, na espiritualidade católica, o conceito de paternidade espiritual segue o exemplo de Cristo. Jesus é o testemunho do Pai, assim como o orientador espiritual deve ser um testemunho de Jesus. Vejamos alguns pais espirituais na história da Igreja.

¹²¹ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 558; GS 19.

¹²² TONNA-BARTHET, Antonino (Org). **Síntese da espiritualidade agostiniana**. Trad.: Matheus Nogueira Garcez. São Paulo: Paulus, 1995. p. 177.

¹²³ MERCATALI, 1993, p. 867.

¹²⁴ GRUN, Anselm. **A orientação espiritual dos Padres do Deserto**. Trad. Enio Paulo Giachini. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 20014. p. 14.

2.3.1 Pais Espirituais na História da Igreja

Nos primeiros séculos da Igreja uma forma de manifestar a santidade era a virgindade, ou o celibato. E com o fim das perseguições dos primeiros séculos esta virtude teve maior importância.¹²⁵ Para muitos, um caminho de fidelidade teve por horizonte a retirada do mundo, marcando, assim, o início do monaquismo.

não é um novo elemento que se agrega à espiritualidade cristã, mas uma tentativa de preservar intacto o ideal de vida cristã vivido no início, ou seja, a *vida apostólica*. [...] é a separação do mundo para a busca da união com Deus numa vida de oração e de práticas ascéticas. No início, a vida monástica era estritamente contemplativa e eremítica.¹²⁶

Tal estilo de vida começa no Egito, com Paulo de Tebas (†342) e Antão (†356), no período entre os anos 251-356.¹²⁷ A vida do eremita ou do anacoreta consistia em práticas ascéticas, trabalho manual, meditação das Escrituras e uso de jaculatória.

Pacômio (†348) e Basílio (†379) introduziram mudanças na vida monástica, dando origem ao estilo cenobítico.¹²⁸ Eram separados do mundo e viviam numa vida de oração, deveriam viver em comunidade e exercer um apostolado, geralmente, a orientação espiritual. Começa a importância à obediência ao abade, e a vida monástica torna-se mais estruturada.

O monaquismo do século V do Ocidente recebeu novo impulso quando pessoas como Atanásio (†373) e Cassiano (†414) introduziram na Igreja latina as práticas do monaquismo Oriental. Depois que entrou no Ocidente, o monaquismo oriental logo se ocidentalizou. Objetivo da vida monástica é a perfeição interior, segundo Cassiano. Perfeição que consiste na caridade e não no modo monástico de vida em si mesmo.¹²⁹

¹²⁵ AUMANN, Jordan. Síntese Histórica da Experiência Espiritual. In: GOFFI, Tullio; SECONDIN, Bruno. **Problemas e perspectivas de Espiritualidade**. Trad.: José Maria de Almeida. São Paulo: Loyola. 1992. p.72.

¹²⁶ AUMANN, 1992, p.72.

¹²⁷ AUMANN, 1992, p.73.

¹²⁸ AUMANN, 1992, p.73.

¹²⁹ AUMANN, 1992, p.73.

Já Agostinho (†430) encontrou um modelo diferente. Um monaquismo clerical que foi abandonando gradativamente o objetivo contemplativo para concentrar-se no ministério pastoral. Ele espalhou as sementes da vida canônica que se desenvolveria somente no século XI com os cônegos regulares.¹³⁰

Mas, o pai do monaquismo Ocidental foi S. Bento (†547). Para proteger o monge do mundo e de um apostolado externo, ele acrescentou à vida dos beneditinos o voto de estabilidade. Os monges beneditinos eram em sua maioria leigos dedicados à liturgia da missa e ao Ofício divino, à *Lectio* divina e ao trabalho manual. “O monaquismo beneditino é um dos fatores mais importantes da civilização e evangelização da Europa. E por muitos séculos permaneceu como o ponto focal e a fonte da vida cristã do laicato.”¹³¹

Outro período importante na história da Igreja é o período medieval:

A espiritualidade da Idade Média estende-se aproximadamente do séc. X ao séc. XV, um período que vê o surgimento das famosas escolas de teologia e formas novas de vida religiosa. Como consequência, a espiritualidade desse período identifica-se estreitamente com as ordens religiosas, que floresceram do séc. XII ao séc. XV: os beneditinos, os cônegos regulares, os franciscanos e os dominicanos. [...] Sob a direção brilhante de Bernardo, a espiritualidade medieval beneditina caracterizou-se pela piedade afetiva, enquanto os beneditinos de Cluny conservavam a marca litúrgica de sua espiritualidade; os cônegos regulares de S. Vitor acrescentaram uma dimensão mística e contemplativa; os dominicanos salientaram-se pela interpretação especulativa e sistemática; e os franciscanos cultivaram uma espiritualidade cristocêntrica.¹³²

São Bernardo (†1153) um ícone da literatura e da mística do século XII, soube conciliar uma vida ativa com a quietude de seu mosteiro. Ele tem uma grande doutrina mística para ajudar no caminho

¹³⁰ AUMANN, 1992, p.73.

¹³¹ AUMANN, 1992, p.74.

¹³² AUMANN, 1992, p.74-75.

para Deus que se estende desde o “conhecimento de si até a posse de Deus; da humildade da criatura finita até os vértices do êxtase; da baixaza do pecado à altura da glória, da miséria do homem que é tocada, porém, pela misericórdia.”¹³³.

Ele tem uma espiritualidade que começa de baixo, da humanidade, para então, alcançar grandes verdades teológicas transcendentais. Passa por um Cristo segundo a carne para um Cristo segundo o espírito. E conclui que, a meta da alma seria alcançar uma relação sponsal com Deus.

Têm-se ainda, os Cônegos Regulares. Sua mais significativa congregação é a Premonstratense, que surgiu em 1125, no norte da França, por iniciativa de S. Bernardo. Houve ainda outras congregações similares: Lateranense do Santíssimo Salvador, dos santos Nicolau e Bernardo e a Ordem da Santa Cruz.¹³⁴

O que há em comum nessas congregações de Cônegos é o fato de verem na vida comum e na prática dos votos religiosos, uma maneira de garantir a santificação de seus membros.

Sabe-se que, no mosteiro – de todo separado do mundo –, os monges, dedicavam-se exclusivamente à realização da própria perfeição pessoal, segundo as prescrições da Regra. Os Cônegos Regulares, pelo contrário, reuniam-se, sim, numa forma de vida religiosa com votos e vida comum, mas para desempenhar as funções de curas de almas, como o clero secular.¹³⁵

Duas pessoas se destacaram neste tipo de mosteiro: Hugo (†1141) e Ricardo (†1173) do Mosteiro de São Vitor em Paris. “Hugo de São Vitor sentiu-se impulsionado por uma tensão mística inarredável, no delinear o itinerário da alma até Deus. [...] Oferece uma tentativa de explicação do mundo e da História.”¹³⁶. Ele elaborou uma doutrina sobre o itinerário da alma rumo a Deus. Incentivava as pessoas a buscar

¹³³ ZOVATTO, Pietro. Experiência espiritual na História. In: SECONDIN, Bruno; GOFFI, Tullo. **Curso de espiritualidade**: experiência, sistemática, projeções. Trad.: Bertilo Brod. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 113-191. p. cit. 125.

¹³⁴ ZOVATTO, 1993, p.126-127.

¹³⁵ ZOVATTO, 1993, p. 127.

¹³⁶ ZOVATTO, 1993, p. 127.

sempre Deus, porque as visitas de Deus, em Seu amor pessoal, eram presenças fúlgidas. Uma prefiguração da presença eterna.

Por sua vez, Ricardo desenvolve uma temática espiritual centrada na contemplação e no amor. Para ele,

[...] o homem herdou, na própria alma, a imagem e a semelhança de Deus. Esta imagem de Deus reflete-se no livre arbítrio; o consenso racional, que lhe é conatural, torna-se inadmissível e é o sinete de um ícone divino consolidado dentro do seu espírito.¹³⁷

Este autor, também pode ser considerado um modelo de orientador. Pois, vê o homem como uma criatura boa que já tem em si a centelha de Deus, e uma ajuda externa o levaria para um bom caminho.

Surgiram também as Ordens mendicantes, como: os frades pregadores (dominicanos) e os frades menores (franciscanos). Essas Ordens “privilegiavam a pobreza estrita, a observância monástica e a vida em comunidade; como ordens apostólicas, ambas foram fundadas para o ministério e a pregação.”¹³⁸

São Domingos (†1221) sempre insistiu que sua Ordem tinha como objetivo a pregação para a salvação das almas. Os dominicanos dedicavam-se a pregação do evangelho, por isso, o estudo da sagrada doutrina. Formando assim, uma espiritualidade doutrinária e apostólica.¹³⁹

Francisco de Assis (†1226) tinha como objetivo de vida uma pobreza austera. Queria viver:

o mandamento de Mt 10,9-10, mas ainda durante a sua vida registrou-se entre seus seguidores um conflito a respeito da interpretação e da prática da pobreza evangélica. Resultado dessa tensão foi a divisão da ordem franciscana em três ramos: os frades menores da união leonina (O.F.M.), os frades menores conventuais (O.F.M. Conv.), e os frades menores capuchinhos (O.F.M. Cap.).¹⁴⁰

¹³⁷ ZOVATTO, 1993, p. 128.

¹³⁸ AUMANN, 1992, p. 77.

¹³⁹ AUMANN, 1992, p. 78.

¹⁴⁰ AUMANN, 1992, p. 78.

Têm-se, ainda, na Idade Média outras escolas de espiritualidade. É o caso da Companhia de Jesus, os jesuítas, fundada por Santo Inácio de Loyola (1491-1556). Dele deriva a espiritualidade inaciana que é uma “espiritualidade ativa, enérgica, prática, que objetiva formar a vontade com vistas à santificação pessoal e ao apostolado.”¹⁴¹ Esta espiritualidade adotou um método próprio de itinerário que são os Exercícios Espirituais: “são um método de trabalho para reformar e transformar uma alma, conformando-a com o divino modelo, Jesus Cristo.”¹⁴²

Na história da Igreja, tem-se também a espiritualidade Teresiana ou Carmelitana. Baseia-se “no tudo de Deus e o nada da criatura, ensina o desapego completo para chegar, se for vontade de Deus, à contemplação e à prática do apostolado pela oração, o exemplo e o sacrifício.”¹⁴³

Dentre tantas pessoas que fizeram parte desta espiritualidade, citam-se alguns: Santa Teresa (†1582),

modelo de altíssima santidade e doutora, cuja doutrina a Igreja nos convida a estudar e praticar. Suas obras fornecem um precioso acervo sobre os estados místicos, e a mais viva e bem ordenada classificação;¹⁴⁴

Depois, aparece São João da Cruz (†1591), cuja vida esteve diretamente ligada à vida, às obras e ao ensinamento de Teresa

Ambos escreveram para os confrades carmelitas, mas enquanto Teresa focalizava mais a prática da oração, João da Cruz analisou e explicou as noites escuras da purificação da alma, em sua caminhada para a união com Deus na perfeita caridade. Todavia, os escritos dos dois santos carmelitas se completam.¹⁴⁵

¹⁴¹ TANQUEREY Adolphe. **Compêndio de Teologia Ascética e Mística**. Trad.: Dalton César Zimmermann. Campinas: Ecclesiae. 2018. p.41.

¹⁴² TANQUEREY, 2018, p. 41.

¹⁴³ TANQUEREY, 2018, p. 44.

¹⁴⁴ TANQUEREY, 2018, p. 44.

¹⁴⁵ AUMANN, 1992, p. 84.

Fazem parte da espiritualidade carmelitana e apareceram mais recentemente, Elisabeth da Trindade (†1906) e Santa Teresa do Menino Jesus (†1897). Esta última destaca-se pelo seu itinerário de santidade, formulando um esquema doutrinal chamado “Pequena Via”. Tem como base as “virtudes mais esquecidas: a humildade, a simplicidade, a confiança, o abandono, o amor e o dom total de si [...] a ‘infância espiritual’, a nossa pequenez e fragilidade, e a desejarmos ser esquecidos.”¹⁴⁶

Voltando ao século XVI e XVII, é oportuno mencionar a figura de São Francisco de Sales (†1622), que lançou bases para uma espiritualidade, a salesiana. Ele teve grande inspiração ao

mostrar que a devoção, e até mesmo a santidade, pode ser praticada em todos os estados de vida. Humanista devoto, perfeito cavalheiro, apóstolo e diretor de almas, soube dar um enfoque amável à piedade, sem nada retirar da sua austeridade. A *Introdução à Vida Devota* é, de fato, um verdadeiro tratado de ascética que introduz as almas nas vias purgativa e iluminativa; o *Tratado do Amor de Deus* eleva-as à via unitiva. Nesta obra o autor descreve a contemplação com ciência de teólogo e psicologia de quem a praticou.¹⁴⁷

É interessante notar esta ênfase que São Francisco de Sales faz para a santidade em todos os estágios da vida. Ou seja, o chamado universal à santidade. Isso ajudou muitos cristãos comuns a crescerem na virtude e na prática da oração mental.¹⁴⁸

Menciona-se, ainda, um grande pregador de missões, moralista de grande influência, Santo Afonso Maria de Liguori (†1787). Este santo “é a voz católica mais genuína e mais autorizada que a Cristandade produziu no século XVIII.”¹⁴⁹

Santo Afonso também defende a santidade universal. Isso significou uma posição contrária “ao Jansenismo. [...] Para os discípulos de Jansênio, a santidade era restrita a círculos limitados de cristãos

¹⁴⁶ ZOVATTO, 1993, p. 190.

¹⁴⁷ TANQUEREY, 2018, p. 46.

¹⁴⁸ AUMANN, 1992, p. 86.

¹⁴⁹ ZOVATTO, 1993, p. 172.

eleitos, investidos da graça infalível por um insondável decreto de Deus a seu respeito.”¹⁵⁰

Podem-se perceber várias características desses pais espirituais. Agora, passar-se-á para algumas características, especificamente, da pessoa que orienta.

2.3.2 Características

A pessoa que orienta, deve ser mais acurado na vida interior, discernindo sobre o espírito que está sugerindo na vida do orientando, como: pensamentos interiores que são sugestões, como dizem os padres do monacato primitivo.¹⁵¹ Estes pensamentos, sugestões

se apresentam à nossa consciência de maneira forçosa e até mesmo *passionada*. Eles são repetitivos, insistentes e até mesmo obsessivos. E querem nos levar a tomar uma decisão interna ou externa. [...] Em um contexto não monástico, o termo que mais se aproximaria a essa compreensão de “pensamento” seria “tentação”.¹⁵²

Portanto, a OE pode ajudar a discernir entre uma situação boa e uma tentação. Mas, também as regras da espiritualidade inaciana são preciosíssimas. As duas primeiras são:

Primeira regra. Para os *pecadores*, que dão livre curso às suas paixões, o demônio propõe prazeres e deleites aparentes, para retê-los e mergulhá-los cada vez profundamente no vício. O bom espírito, ao contrário, procura despertar na consciência inquietação e remorso, para tirá-los da triste situação. *Segunda regra.* No caso de pessoas *sinceramente convertidas*, o demônio suscita-lhes tristeza e tormentos de consciência, e procura criar todo tipo de dificuldade para desencorajá-los e impedir o progresso. O bom espírito, pelo

¹⁵⁰ ZOVATTO, 1993. p. 172.

¹⁵¹ BONOWITZ, Bernardo. **Buscando Verdaderamente a Deus**. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2013. p. 92.

¹⁵² BONOWITZ, 2013, p. 92.

contrário, dá-lhes coragem, força e boas inspirações, para fazê-los avançar na virtude.¹⁵³

A terceira regra refere-se às consolações espirituais. Procedem do Espírito bom quando produzem moções interiores de fervor, quando fazem derramar lágrimas de remorso, quando aumentam a fé, a esperança e a caridade.¹⁵⁴ Ou seja, são critérios que ajudam a discernir, através dos frutos que elas produzem, se uma situação vem de Deus, da ação humana, ou do inimigo da natureza.

Da mesma forma, existem as regras que se referem às desolações espirituais. Fala-se em não mudar os propósitos já assumidos, tirar proveito até dessa situação adversa, acreditar no auxílio da divina graça, e que se deve aguardar o retorno da consolação.¹⁵⁵

Por fim, têm-se as três últimas regras que falam sobre a maneira ardilosa do maligno agir para seduzir. Ele “age como um sedutor que exige segredo de sua vítima e, por isso, a melhor maneira de derrotá-lo é revelar tudo ao diretor espiritual.”¹⁵⁶

Aqui, o orientador aparece como um dos “instrumentos” usados para vencer o maligno. Talvez porque revelar segredos seja libertador. Mas, também porque há alguma diferença entre estes dois agentes da OE. A pessoa que pede orientação vê os próprios pensamentos de forma muito parcial e insatisfatória. Ela

ainda é vítima de racionalização e de desejos não assumidos. O mestre, por outro lado, capta de imediato aquilo que eles são realmente. Ele não é enganado por quaisquer astúcias a respeito da própria vida interior e, portanto, é isento de deixar-se enganar tal como se apresentam nas vidas de seus dirigidos.¹⁵⁷

A OE utiliza a fala como um dos meios principais de expressão. Ou seja, tem uma pessoa que escuta e outra que fala. Em princípio, quem escuta é o orientador e quem fala é a pessoa que solicitou a orientação. O orientador, que escuta,

¹⁵³ TANQUEREY, 2018, p. 392.

¹⁵⁴ TANQUEREY, 2018, p. 392.

¹⁵⁵ TANQUEREY, 2018, p. 392.

¹⁵⁶ TANQUEREY, 2018, p. 393.

¹⁵⁷ BONOWITZ, 2013, p. 101.

deve proporcionar uma atividade de discernimento: ele não está aí para dar conselhos, mas para permitir que o outro remeta-se a si mesmo (a escuta permite que o outro se estruture: é falando que alguém se apropria de sua própria existência); deve favorecê-lo em lucidez sobre o que vive, para que o apelo de Deus possa crescer e produzir frutos.¹⁵⁸

Neste processo de OE pode-se cometer um grave erro. O orientador atrair para si a autoria da Nova Obra que se desvelará no interior do indivíduo dirigido. Fazendo dele não a imagem e semelhança de Deus, mas “fazendo-o à sua imagem e semelhança.”¹⁵⁹

Nessa mesma linha é muito importante que o orientador espiritual esteja

atento e vigilante sobre si mesmo para não mudar o outro, [...] mas para saber ler os sinais do tempo e a vida do indivíduo para que nele se realize o desígnio de Deus. Tarefa difícil e de grande responsabilidade.¹⁶⁰

Portanto, parece ser importante que o orientador espiritual seja bem capacitado para exercer OE. Pois, sua influencia é considerável na vida da pessoa que dirige.

É evidente que, a graça perpassa tanto o orientador quanto a pessoa que pediu orientação. Deus é o agente principal da OE, passa-se então, a falar sobre a graça.

2.4 A GRAÇA

O cristão procura constantemente realizar-se em Deus, e a OE quer ser uma ajuda neste processo de abrir-se cada vez mais à graça divina e menos aos impulsos do espírito do mal. A pessoa que procura a orientação usa de sua liberdade e se coloca sob as orientações de um “guia” espiritual, guia este que é experimentado nos dons espirituais. E

¹⁵⁸ MONDONI, Danilo. **Teologia da Espiritualidade Cristã**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 160.

¹⁵⁹ SCIADINI, 2006, p. 53.

¹⁶⁰ SCIADINI, 2006, p. 53.

neste processo acontece a visitação de Deus, a graça. Mas, como? O que é a graça?

Primeiramente, é neste homem, criado a imagem e semelhança de Deus¹⁶¹, que a graça vem. Reforça-se, assim, a sua dignidade enquanto pessoa. Mas, a pergunta do livro dos Salmos sobre este homem, ainda permanece,

que é o homem, para dele te lembrares, e um filho de Adão, para vires visitá-lo? E o fizeste pouco menos do que um deus, coroando-o de glória e beleza. Para que domine as obras de tuas mãos sob seus pés tudo colocaste [...]¹⁶²

Deus vem ao encontro do homem. É Ele que escolhe primeiro: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes fruto e para que vosso fruto permaneça.”¹⁶³ Deus tem a iniciativa de derramar a Sua graça. E ainda, “não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou.”¹⁶⁴

Em diálogo com o Senhor, Paulo escuta: “Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder.”¹⁶⁵ “Tudo é graça”, vai dizer Santa Terezinha do Menino Jesus e o pároco de aldeia.¹⁶⁶ Outro, ainda, diz que só a graça.¹⁶⁷ É graça por ter a característica de ser gratuita.

É o fervor por excelência, o dom maior que se possa imaginar. Dom que não pode ser separado, ou, ainda melhor, que é a consequência no homem do dom por antonomásia, de Cristo, que é a graça em pessoa [...] Quando falamos, portanto, do homem na graça de Deus, falamos do homem a

¹⁶¹ Gn 1,26.

¹⁶² Sl 8, 5-7.

¹⁶³ Jo 15,16a.

¹⁶⁴ IJo 4,10.

¹⁶⁵ 2Cor 12,9a.

¹⁶⁶ TERESA DO MENINO JESUS. **Obras Completas**: escritos e últimos colóquios. São Paulo: Paulus, 2002. p. 876.

¹⁶⁷ BINGEMER, Maria C.; FELLER, Vítor G. **Deus-Amor**: a graça que habita em nós. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2003. p. 109.

que o próprio Deus se comunica em seu amor infinito.¹⁶⁸

Deus é amor¹⁶⁹ e esse amor é derramado nos corações. Jesus é a graça do Pai. Ele enviou o seu Filho por amar tanto o mundo, “para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna.”¹⁷⁰ É esta graça que move a vida do fiel.

Para a mística, a graça “é a experiência viva, percebida com clareza, da presença e da ação divina. Ela é a tomada da consciência da união com Deus, ou mais exatamente, da invasão da pessoa humana por parte do amor divino.”¹⁷¹ E ainda, vai dizer que “a finalidade da g. que tem por objetivo fazer a vida divina penetrar em toda a vida pessoal, nas regiões mais obscuras do sentimento e do subconsciente humano e abri-las para a luz do alto.”¹⁷²

A graça penetra na pessoa em todas as suas dimensões e esta pessoa torna-se consciente de uma união íntima com a Trindade. A Trindade que habita na alma humana quer comunicar suas riquezas mediante as possibilidades humanas de compreensão. As três pessoas divinas enriquecem a alma humana de “dons sobrenaturais e comunicam-lhe uma vida semelhante a sua, que se chama vida da graça ou vida deiforme.”¹⁷³

Segundo Santo Tomás de Aquino¹⁷⁴, esta vida da graça é distinta da vida natural. Não apenas a sobrepõe, mas penetra-a inteiramente, transforma-a e diviniza-a. Incorpora tudo o que há de bom em nós, aperfeiçoa e sobrenaturaliza, orientando tudo para o fim último, ou seja, “para a posse de Deus pela visão beatífica e para o amor que desta resulta.”¹⁷⁵

¹⁶⁸ LADARIA, 2016, p. 103.

¹⁶⁹ IJo 4,8b.

¹⁷⁰ Jo 3, 16.

¹⁷¹ GALOT, J. Graça. In: Org.: BORRIELO, L.; CARUANA, E.; DEL GENIO, M.R.; SUFFI, N. **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus: Loyola, 2003. p. 462-464. p. cit. 462.

¹⁷² GALOT, 2003, p. 462.

¹⁷³ TANQUERREY, 2018, p. 92.

¹⁷⁴ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica* I- II, q. 110. In: TANQUERREY Adolphe. **Compêndio de Teologia Ascética e Mística**. Trad.: Dalton César Zimmermann. Campinas: Ecclesiae. 2018. p. 92.

¹⁷⁵ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica* I- II, q. 110.

Pode ser que alguns teólogos não concordem com a gratuidade da ordem sobrenatural, mas o papa Pio XII, na encíclica *Humani generis*, percebendo tal discordância vai dizer:

E não há que admirar terem essas novidades produzido frutos venenosos em quase todos os capítulos da teologia. [...] Outros desvirtuam a verdadeira “gratuidade” da ordem sobrenatural, sustentando que Deus não pode criar seres inteligentes sem ordená-los e chamá-los à visão beatífica.¹⁷⁶

Portanto, acredita-se na gratuidade da vida sobrenatural que produz vida em nossa vida. A vida da graça produz efeitos nos três elementos presentes em todo gênero de vida: princípio vital (é a fonte da vida), faculdades (produzem atos vitais) e atos (manifestação das faculdades).¹⁷⁷

Acontece o seguinte, da ação de Deus, no sobrenatural:

- a) Primeiramente nos comunica a *graça habitual* que desempenha a função de *princípio vital sobrenatural*, podemos dizer, a própria substância da nossa alma, dispondo-a, ainda que remotamente, para a visão beatífica e para os seus atos preparatórios.
- b) Dessa graça decorrem as *virtudes infusas e os dons do Espírito Santo*, que aperfeiçoam as nossas faculdades e nos dão o poder imediato de praticar atos deiformes, sobrenaturais e meritórios.
- c) Para pôr essas faculdades em exercício, concede-nos *graças atuais* que iluminam nosso entendimento, fortalecem a vontade e ajudam-nos a praticar atos sobrenaturais e com isso aumentar o manancial de graça habitual que nos foi concedido.¹⁷⁸

¹⁷⁶ Pio XII, Encíclica *Humani generis*. In: DENZIGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja Católica**. Trad.: José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2006, p. 855 -864, p. cit. 861; DS 3891.

¹⁷⁷ TANQUEREY, 2018, p. 92.

¹⁷⁸ TANQUEREY, 2018, p. 92.

Toda essa ação da graça é para que se viva uma vida nova em Cristo. Pois, “pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova.”¹⁷⁹ Não há como negar que o homem é chamado à plena conformidade com Cristo, assim como Adão, o primeiro homem, era figura do homem futuro que deveria vir¹⁸⁰, isto é Cristo Jesus.¹⁸¹ O homem é chamado à vocação de união com Deus. Ela é, ao mesmo tempo, imanente e transcendente ao seu próprio ser. Ou seja, o “problema do sobrenatural é, no fundo, o da criação do homem à imagem e semelhança divinas, com a tensão que comportam os termos ‘criatura’ e ‘imagem de Deus’.”¹⁸²

Claro que a meta do cristão é ser semelhante a Cristo, o homem perfeito. Mas, tem-se em Maria, um ser humano já privado de todo o pecado original pela sua Imaculada Conceição. Uma mulher cheia de graça.¹⁸³ “A primeira a ser redimida pelo seu Filho, participe na plenitude da sua santidade, Ela já é aquilo que toda a Igreja deseja e espera ser. É o ícone escatológico da Igreja.”¹⁸⁴

A graça habitual é “uma qualidade sobrenatural inerente à nossa alma, que nos faz participar da natureza e vida divinas de um modo real e formal, embora accidental.”¹⁸⁵ Pode-se dizer que é a vida de Deus, mas não ela em si mesma, mas uma semelhança. Esta graça torna o fiel semelhante a Deus. É aquilo que diz S. Pedro em sua segunda carta: “Por elas nos foram dadas as preciosas e grandíssimas promessas, a fim de que assim vos tornásseis participantes da natureza divina”¹⁸⁶.

Esta graça habitual, “já é uma preparação para a visão beatífica, como que um gozo antecipado desse favor. É o botão que já contém a

¹⁷⁹ Rm 6,4.

¹⁸⁰ Rm 5,14.

¹⁸¹ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 563; GS 22.

¹⁸² LADARIA, 2016, p. 82.

¹⁸³ Lc 1,28.

¹⁸⁴ João Paulo II. **Homilia para recordar o 150º aniversário da definição do dogma da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria.** Vaticano, 08 dez. 2004. Não paginado. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2004/documents/hf_jp-ii_hom_20041208_immaculate-conception.html. Acesso em: 22 de junho de 2020.

¹⁸⁵ TANQUEREY, 2018, p. 93.

¹⁸⁶ II Pd 1,4. Por elas - a glória e virtude de Cristo, pelas quais são entrelaçados o convite já atendido e o futuro que ele prometeu (cf. I Tm 4,8).

flor dentro de si, ainda que se abra só mais tarde.”¹⁸⁷ A visão beatífica é o terceiro grau de conhecimento de Deus, é quando temos uma relação direta com Ele.

Os dons do Espírito e as virtudes infusas, por sua vez, são faculdades de ordem sobrenatural que Deus concede com liberalidade e generosidade. São necessários para que, a vida sobrenatural inserida em nossa alma, opere e se desenvolva pela graça habitual.¹⁸⁸ Então, como citado, são duas ordens de hábitos:

“as *virtudes* que, governadas pela *prudência*, permitem-nos operar sobrenaturalmente com a ajuda da graça atual; e os *dons* que, por uma espécie de *instinto divino*, tornam-nos tão dóceis à ação de Espírito Santo que nos movem, por assim dizer, a ser governados por esse mesmo Espírito.”¹⁸⁹

Segundo o CIC, as virtudes morais são humanamente adquiridas, e são

[...] perfeições habituais da inteligência e da vontade que regulam nossos atos, ordenando nossas paixões e guiando-nos segundo a razão e a fé. Propiciam, assim, facilidade, domínio e alegria para levar uma vida moralmente boa.¹⁹⁰

São quatro as virtudes cardeais: prudência, justiça, a fortaleza e a temperança.¹⁹¹ Levam o nome cardeais porque vem do latim “cardo”, “cardinis” - dobradiça, todas as outras se agrupam em torno dela. “A prudência é a virtude que dispõe a razão prática a discernir, em qualquer circunstância, nosso verdadeiro bem e a escolher os meios adequados para realizá-lo.”¹⁹² A virtude da justiça é aquela “que consiste na vontade constante e firme de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido.”¹⁹³ A fortaleza então, é aquela virtude “que dá segurança nas

¹⁸⁷ TANQUEREY, 2018, p. 94.

¹⁸⁸ TANQUEREY, 2018, p. 98.

¹⁸⁹ TANQUEREY, 2018, p. 98-99.

¹⁹⁰ CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 485; CIC 1804.

¹⁹¹ CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 486; CIC 1805.

¹⁹² CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 486; CIC 1806.

¹⁹³ CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 486; CIC 1807.

dificuldades, firmeza e constância na procura do bem. Ela firma a resolução de resistir às tentações e superar os obstáculos na vida moral.”¹⁹⁴ Por fim, a temperança é a que “modera a atração pelos prazeres e procura o equilíbrio no uso dos bens criados. [...] A pessoa temperante orienta para o bem seus apetites sensíveis, guarda uma santa discricção e não se deixa levar a seguir as paixões do coração.”¹⁹⁵

Existem outras três virtudes que se chamam teológicas¹⁹⁶, porque seu objeto material é Deus e tem algum atributo divino por objeto formal.¹⁹⁷ São elas: a fé, a esperança e a caridade.

1) A fé une-nos a Deus, suprema verdade, e ajuda-nos a ver e apreciar tudo sob a divina luz. 2) A esperança une-nos a Deus, fonte de nossa felicidade, sempre disposto a derramar sobre nós os tesouros de sua bondade, para levar a termo a obra da nossa transformação e a ajuda-nos, com o seu poderoso auxílio, a praticar atos de confiança absoluta e filial abandono. 3) A caridade eleva-nos a Deus sumamente bom em si mesmo. Movidos por ela, regozijamo-nos nas perfeições infinitas de Deus, mais do que se fossem nossas; desejamos que sejam conhecidas e louvadas; passamos a ter com Ele uma estreita e santa amizade, uma doce familiaridade, assemelhando-nos, assim, cada vez mais a ele.¹⁹⁸

Citam-se também, os dons do Espírito Santo que auxiliam a vivência das virtudes. São sete esses dons: sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus.¹⁹⁹

E, por fim, menciona-se a graça atual. No âmbito do sobrenatural, não podemos colocar em ação nossas faculdades sem a ajuda da graça atual.²⁰⁰ Esta graça “*é um auxílio sobrenatural e transitório que Deus nos dá para iluminar nosso entendimento e fortalecer a vontade na*

¹⁹⁴ CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 487; CIC 1808.

¹⁹⁵ CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 487; CIC 1809.

¹⁹⁶ 1Cor 13,13.

¹⁹⁷ TANQUEREY, 2018, p. 99.

¹⁹⁸ TANQUEREY, 2018, p. 99.

¹⁹⁹ CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 493; CIC 1831.

²⁰⁰ TANQUEREY, 2018, p. 100.

produção dos atos sobrenaturais.”²⁰¹ Age sobre o intelecto e a vontade para favorecê-los a produzir atos sobrenaturais. Antes da justificação, ilumina-nos sobre os efeitos do pecado para detestá-los, depois da justificação mostra-nos a beleza de Deus para amá-lo de todo o coração.²⁰²

Portanto, recomenda-se tanto para o orientador quanto para aquela pessoa que pede a orientação, que sejam sempre mais cuidadosos com relação a esta vida da graça. Pois ela é uma vida nova que nos une a Deus e nos torna semelhantes a Ele. Esta vida das virtudes e dos dons espirituais é uma dimensão que não será trabalhada da psicoterapia, por exemplo. Ou seja, é algo específico da OE.

²⁰¹ TANQUEREY, 2018, p. 100.

²⁰² TANQUEREY, 2018, p. 101.

3 DESAFIOS À ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

Depois dessa explicação sobre a OE e seus envolvidos, mais alguns pontos se levantam. Ela é uma relação tríade: Deus, orientador por excelência, o orientador, guia experiente que aponta o caminho, e, por fim, não menos importante, o orientado que, livre e responsabilmente, assume seu processo de crescimento e amadurecimento. Nesta relação tríade aparecem alguns desafios e obstáculos. Por isso, este capítulo tem por objetivo apontar alguns desafios encontrados na OE e obstáculos ao amadurecimento humano e espiritual.

A pessoa que pede orientação busca um amadurecimento. O que é de fato o amadurecimento? Uma vez alcançado este amadurecimento, a pessoa está pronta e deixa a direção espiritual? Ela está de “alta”? O seminarista, após a ordenação, torna-se maduro o suficiente para não precisar fazer orientação? Ou seja, todas as questões relacionadas ao crescimento humano.

3.1 O CRESCIMENTO HUMANO

O homem está numa constante busca por felicidade, mas é Deus “o Único em quem o homem pode ter a vida e a felicidade para as quais foi criado e às quais aspira.”²⁰³ Nesse contexto, nos deparamos com a capacidade de autotranscender-se que o ser humano traz consigo.

Esta autotranscendência da alma em direção ao Deus infinito faz com que a essência interior do homem seja ânsia e desejo, e nada mais que isso. O homem é um ser que busca a felicidade, mas nenhuma coisa finita é capaz de saciar a sua sede do infinito. Por isso todas as coisas finitas revelam o infinito desejo do coração humano para além de si mesmo, para Deus infinito.²⁰⁴

Aqui, estamos no âmbito da vida sobrenatural. Ela muda e diviniza a natureza humana, sem transformá-la numa natureza divina, mas torna o ser humano participante da vida divina, da vida da graça, de

²⁰³ CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 292; CIC 1035.

²⁰⁴ MOLTSMANN, Jürgen. **O Espírito da Vida**: uma pneumatologia integral. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 94.

uma vida semelhante à de Deus.²⁰⁵ Pode-se verificar que a “Igreja ensina que nossos primeiros pais, Adão e Eva, foram constituídos em um estado ‘de santidade e de justiça original’. Esta graça da santidade original era uma participação da vida divina.”²⁰⁶

Mas, o que é justiça original? É o conjunto de duas espécies de dons, a integridade e a graça sobrenatural.²⁰⁷ Deus “outorgou aos nossos primeiros pais o dom de integridade (*sobrenatural quoad modum*) que, completando-lhes a natureza, dispõe-na a receber a graça e, ao mesmo tempo, conferiu-lhes a própria graça, dom sobrenatural.”²⁰⁸

O dom da integridade aperfeiçoa a natureza do homem. É formado por três grandes privilégios: a ciência infusa, o domínio das paixões e a imortalidade do corpo.²⁰⁹ A ciência infusa foi dada para que “mais facilmente o primeiro homem cumprisse seu ofício de cabeça e educador do gênero humano, Deus gratuitamente lhe concedeu o conhecimento infuso de todas as verdades que precisava saber”²¹⁰ Já o domínio das paixões pode ser entendido como o domínio de si mesmo.

O homem estava intacto e ordenado em todo seu ser, porque livre da tríplice concupiscência que o submete aos prazeres dos sentidos, à cobiça dos bens terrestres e à auto-afirmação contra os imperativos da razão.²¹¹

E a imortalidade corporal é a preservação de duas fraquezas, a enfermidade e a morte. Isto para que mais livremente a alma pudesse se dedicar em suas tarefas mais elevadas.²¹²

Esses são dons gratuitos e preternaturais conferidos a Adão, que o tornaria mais apto a receber um dom muito mais precioso e absolutamente sobrenatural, o da graça santificante.²¹³ Por sua vez a graça santificante,

²⁰⁵ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica* I- II, q. 110.

²⁰⁶ CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 107; CIC 375.

²⁰⁷ TANQUEREY, 2018, p. 76.

²⁰⁸ TANQUEREY, 2018, p. 76.

²⁰⁹ TANQUEREY, 2018, p. 76.

²¹⁰ TANQUEREY, 2018, p. 77.

²¹¹ CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 108; CIC 377.

²¹² TANQUEREY, 2018, p. 77.

²¹³ TANQUEREY, 2018, p. 77.

preserva a personalidade própria do homem. Todavia, embora acidentalmente, modifica-a, ao modo divino, em sua natureza e capacidade de ação. Certamente não a transforma em Deus, mas torna-a deiforme, isto é, semelhante a Deus, [...] capaz de esperar a posse de Deus diretamente pela visão beatífica, quando a graça for transformada em glória, e de vê-lo face a face, como Ele se vê a si mesmo.²¹⁴

Portanto, tudo isso os primeiros pais tinham, os dons preternaturais, os privilégios sobrenaturais. Era uma vida de santidade e justiça originais, uma vida de intimidade com Deus. Ou seja, eles tinham uma felicidade que vinha da amizade com Deus no Paraíso.²¹⁵ Esta amizade foi “perdida pelo pecado de nossos primeiros pais.”²¹⁶ Até hoje, o ser humano está atrás desta amizade com Deus. Por isso, busca a maturidade interior. Procura a perfeição²¹⁷, como diz S. Paulo.²¹⁸ Está aqui um primeiro desafio da OE: ajudar a pessoa que pede orientação,

²¹⁴ TANQUEREY, 2018, p. 76.

²¹⁵ CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 109; CIC 384.

²¹⁶ CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 108; CIC 379.

²¹⁷ “Nos escritos paulinos, a perfeição ou maturidade acarreta diversas idéias relacionadas com o conceito de desempenho, alcançar um desígnio ou se completar. A palavra *realizado* capta importante nuance do pensamento paulino a respeito deste assunto: o que é perfeito ou maduro alcançou o desígnio pretendido. Em geral, Paulo usa o adjetivo teleios (*perfeito, completo, maduro*) para transmitir o conceito, embora diversas palavras cognatas também contribuam para completar a imagem: teleioō (“aperfeiçoar, completar ou amadurecer”), teleō (“completar”, “terminar”), telos (“fim”, “resultado”, “desígnio”, “completamente”) e teleiotès (“maturidade”, “perfeição”). O conceito paulino inclui quatro aspectos distintos: 1) simples maturidade ou o alcance de um desígnio; 2) perfeição espiritual como a situação de todos os cristãos “em Cristo”; 3) uma posição de perfeição relativa alcançável pelos cristãos nesta vida; e 4) o estado de perfeição máxima que os cristãos têm esperança de experimentar no mundo que há de vir. 1. Maturidade, tendo alcançado o desígnio 2. Perfeição espiritual como existência “em Cristo” 3. Perfeição relativa nesta vida 4. Perfeição absoluta no mundo que há de vir.” KLEIN, W.W. Perfeito, Maduro. In: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. (Orgs.). **Dicionário de Paulo e suas Cartas**. Trad.: Barbara T. Lambert. 2. ed. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008. p. 979-980. p. cit 979, grifos do autor.

²¹⁸ 2Cor 13,11.

no seu processo de crescimento humano rumo à maturidade. Mas, o que é maturidade?

3.1.1 Maturidade

Os trabalhos da OE convergem no tema da maturidade ou amadurecimento da pessoa, ou seja, ao “estado de Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo.”²¹⁹ O ideal de maturidade do cristão é aquele homem de Nazaré que se chamava Jesus. Porque, é “em Jesus Cristo que o homem chega a se conhecer, plena e verdadeiramente.”²²⁰ Evidencia-se a humanidade de Jesus, sem deixar de lado sua divindade como propuseram duas heresias dos séculos II e III.

A primeira solução consiste em dizer que Cristo é um homem tornado Deus porque adotado por Deus como seu Filho (adocionismo); a segunda, que ele é Deus único, mas vindo a nós sob outro modo (modalismo). [...] Os historiadores as designam sob o nome de monarquismo, “adocionista” no primeiro caso, “modalista” ou “unitariano” no segundo.²²¹

Jesus de Nazaré é o modelo de homem perfeito. O cristão olha para ele e é convidado a seguir seu modelo de maturidade. O *Dicionário de Espiritualidade* vai apresentar maturidade como personalidade integrada, ou seja, uma pessoa que viveu fielmente os valores. E o primeiro valor que tem maior importância seria a abertura ao transcendente.²²² Ou seja, uma abertura ao sobrenatural é sinal de maturidade.

Fala-se a partir de duas maturidades: psicoafetiva e humana. A maturidade psicoafetiva pode ser entendida “como a meta dos esforços

²¹⁹ Ef 4,13b.

²²⁰ DUPUIS, Jacques. **Introdução à Cristologia**. Tra.: Aldo Vannucchi. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 12.

²²¹ SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **O Deus da Salvação**. Trad.: Marcos Bagno. 2. ed. São Paulo: Loyola. 2005, p. 158.

²²² ZAVALLONI, R. Maturidade Espiritual. In: FIORES, Stefano de. GOFFI, Tullo (Orgs). **Dicionário de Espiritualidade**. Trad.: Augusto Guerra, Isabel Fontes Leal Guerra. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1993. p. 719-728. p. cit. 719.

pessoais e sociais para conseguir com êxito o desenvolvimento integral do homem.”²²³ A maturidade humana, por sua vez, pode ser considerada “como a plenitude consciente de todas as qualidades físicas, psíquicas e espirituais, bem harmonizadas e integradas entre si.”²²⁴

A declaração *Gravissimum Educationis* (GE) fala de uma maturidade para aqueles que estão no processo educacional inicial como as crianças e os adolescentes, levando em conta os avanços da psicologia, pedagogia e didática. Sejam eles

ajudados em ordem ao desenvolvimento harmônico das qualidades físicas, morais e intelectuais, e à aquisição gradual dum sentido mais perfeito da responsabilidade na própria vida, retamente cultivada com esforço contínuo e levada por diante na verdadeira liberdade, vencendo os obstáculos com denodo e constância.²²⁵

Pode-se então dizer que é um processo de fases, passando de uma fase de infantilidade para uma fase de vida adulta. O documento do Concílio se refere a uma maturidade mais pragmática. Mas, dá um passo além, ao dizer que não é somente a este tipo da maturidade que a educação cristã se propõe, mas a de levar os batizados a “serem introduzidos gradualmente no conhecimento do mistério da salvação, tomem cada vez melhor consciência do dom da fé que receberam;”²²⁶

Portanto, a maturidade é um desafio não só para a orientação, mas para toda a comunidade cristã. Dessa forma, mais perguntas suscitam: como alcançar essa maturidade? Passa-se, então para alguns passos que ajudam para alcançar a maturidade.

²²³ ZAVALLONI, 1993, p. 719.

²²⁴ ZAVALLONI, 1993, p. 719.

²²⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Declaração *Gravissimum Educationis*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965)**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 321-338. p. cit. 324; GE 1.

²²⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 325; GE 2.

3.1.2 Passos para a maturidade

Algo que nos ajuda a entender mais sobre atitudes de pessoas maduras são as páginas do Concílio Vaticano II quando apresenta caminhos e meio para a santidade: o dom maior da caridade, para isso é preciso ouvir e praticar a palavra de Deus. Fala também, em aproximar-se dos sacramentos, aplicar-se a oração, abnegação de si mesmo, exercício constante de todas as virtudes. Fala do martírio como a doação insigne e prova máxima da caridade. Os conselhos evangélicos, em especial a virgindade ou celibato como demonstração de um coração indiviso. A pobreza como Cristo que se despojou e a obediência submetendo-se aos homens.²²⁷

A finalidade do cristão maduro é a santidade. Para isso conta com a graça divina, como referido acima. A santidade, talvez, seja o ponto mais evidente de uma maturidade cristã. “O Espírito Santo derrama a santidade, por toda a parte, no santo povo fiel de Deus [...]”²²⁸ Recebe-se esta santidade pelo batismo. Ou seja, o batizado é um santo.

Os seguidores de Cristo, que Deus chamou e justificou no Senhor Jesus, não pelos seus méritos mas por seu desígnio e sua graça, foram feitos no batismo da fé verdadeiros filhos de Deus e participantes da natureza divina, e por isso mesmo verdadeiramente santos.²²⁹

Ainda, conforme o *Código de Direito Canônico* (CDC), o sacramento do batismo é a porta dos sacramentos e também, por ele “os homens se libertam dos pecados, são de novo gerados como filhos de Deus e se incorporam à igreja, configurados com Cristo por caráter indelével [...]”²³⁰

Não se fala em uma santidade abstrata, mas à maneira como observa o papa Francisco:

²²⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 164; LG 42.

²²⁸ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate*. São Paulo: Paulus, 2018. p. 10; GE 6.

²²⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 159; LG 40.

²³⁰ CÓDIGO de Direito Canônico. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 403-405; CDC 849.

nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e nas mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é muitas vezes a santidade ‘ao pé da porta’, daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da ‘classe média da santidade’.²³¹

Ou seja, o papa Francisco vê a santidade no dia-a-dia das pessoas. No comum do cotidiano pode-se ser santo, e para isso, são apresentados alguns passos ou caminhos que podem ajudar:

A leitura da Palavra de Deus, das Sagradas Escrituras. Nela encontramos a história daquilo que Deus fez para nos salvar. Essa história constitui um encorajamento e uma garantia de que Ele nos amou e continuará a amar-nos. Os mandamentos da Lei de Deus, iluminados com as exigências internas, evidenciadas por Jesus no Sermão da Montanha (Mt 5,1ss), e com o complemento indispensável das Bem-aventuranças e dos exemplos de Jesus; O exercício das virtudes teológicas da fé, esperança e caridade e da virtudes cardeais da prudência, fortaleza e temperança; A prática da oração; [...] A recepção dos sacramentos; [...] A participação nos exercícios espirituais; [...] A prática da ascese, isto é, do controle dos aspectos desordenados ou excessivos, para robustecer o vigor espiritual e fazer com que os frutos do espírito prevaleçam sobre as tendências da carne; A leitura de livros espirituais; [...] Por fim, a direção espiritual.²³²

O caminho para a maturidade também pode ser traduzido como santidade de vida. O que aqui foi apresentado não se trata de uma receita a ser seguida e um resultado certo. Mas, são pistas que ajudam a

²³¹ FRANCISCO, 2018, p. 10-11; GE 7.

²³² ESTÉVEZ, J. M. A **Direção Espiritual**: para acolher Cristo na própria vida. Brasília: CNBB, 2020, p. 13-14.

trilhar um caminho, respeitando a maneira individual que cada batizado realiza para cumprir esta meta universal.²³³

Tem-se a graça, a liberdade humana com responsabilidade, e ainda, um orientador que contribui com sua experiência. Mas, como viver a Palavra de Deus, os mandamentos, os sacramentos, a oração, as virtudes, a ascese, etc, no mundo em vivemos hoje e com alguns obstáculos que se apresentam?

3.2 O CRESCIMENTO ESPIRITUAL

3.2.1 Obstáculos à Santidade

Não se pode falar em obstáculos à santidade sem mencionar o capítulo segundo da Exortação Apostólica do papa Francisco, *Gaudete et Exsultate* (GE), que se chama: “Dois Inimigos Sútis da Santidade”. Ele apresenta, então, o inimigo do gnosticismo²³⁴ e do pelagianismo²³⁵ atuais. Atualmente, as pessoas “gnósticas”, segundo o papa Francisco,

²³³ No capítulo V da *Lumen Gentium* o título é: *Vocação Universal à santidade na Igreja*. Afirma que não só a hierarquia da Igreja pode ser santa, mas todo que são dirigidos por ela. Todo o fiel seja qual for seu estado de vida é chamado à santidade. Os bispos, os padres, os diáconos, os cônjuges e pais cristãos e os profissionais das diferentes profissões. CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 158-163; LG 39-41.

²³⁴ “Gnose” designa uma tendência constante do espírito humano que busca o sentido da vida no conhecimento; “gnosticismo” é o movimento histórico que se desenvolveu nos séculos I e III [...]. O gnosticismo, portanto, é uma manifestação histórica da gnose, cujo nome (*gnôsis*) significa “conhecimento”. [...] é, portanto, um “conhecimento perfeito”, obtido por revelação e iluminação ao longo de uma experiência interior. SESBOÛÉ, 2005, p. 38.

²³⁵ De Pelágio, nascido na Britânia por volta de 354 e batizado em Roma por volta de 380-384, onde viveu por muito tempo, e foi uma das vozes mais escutadas do tempo, deriva o nome de *pelagianos-pelagianismo*. [...] Na realidade, tratou-se de um grande movimento de idéias que atravessou a cristandade na primeira metade do séc. V. [...] Para Pelágio, a graça de Deus é apenas um auxílio externo para a liberdade, um auxílio no significado de criação, de revelação, de remissão dos pecados, portanto, não um auxílio para a própria liberdade para ser tal e agir no plano de um bem merecedor de vida eterna. A liberdade, com efeito, tem, desde a criação, uma autonomia própria radical nas decisões concernentes a seu destino. À sua escolha, e somente a esta, são devidos os méritos tanto de querê-la quanto de atuá-la e a correspondente recompensa. GROSSI, V. Pelágio-Pelagianos-Pelagianismo. In: BERARDINO,

concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada em uma enciclopédia de abstrações. [...] Preferem um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo.²³⁶

De fato, pois, como poderia alguém tentar se aproximar de Jesus sendo seu amigo íntimo, seu discípulo e não imitá-lo na atenção dada aos pobres e sofredores? Pagola comentando o texto bíblico de Lázaro e o rico²³⁷ afirma que

está crescendo em nossa sociedade a apatia ou falta de sensibilidade diante do sofrimento alheio. Evitamos de mil maneiras o contato direto com os que sofrem. Pouco a pouco nos vamos tornando cada vez mais incapazes de perceber sua aflição.²³⁸

Neste sentido, a santidade não está mais sendo procurada e sua possibilidade negada, ficando somente numa santidade abstrata, sem passar pelo mistério. Tornando-se, assim, uma falsa santidade que não consegue contemplar o mistério, “por sua natureza quer domesticar o mistério, tanto o mistério de Deus e de sua graça, como o mistério da vida dos outros.”²³⁹

Aqui, entra-se num caminho paradoxal, pois a arma contra esta mente gnóstica seria justamente a mistagogia.²⁴⁰ Conduzir ao mistério ajuda na busca pela santidade.

Neste ponto, o orientador tem um papel fundamental, pois, já tendo conhecimento deste possível empecilho deve saber usar as ferramentas adequadas. Primeiramente, pode levar a pessoa nos

Angelo Di. (Org). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Trad.: Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 1131-1133. p. cit. 1131-1132.

²³⁶ FRANCISCO, 2018, p. 24; GE 37.

²³⁷ Lc 16,19-31

²³⁸ PAGOLA, J. A. **O caminho aberto por Jesus**: Lucas. Trad.: Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes. 2012. p. 273.

²³⁹ FRANCISCO, 2018, p. 25; GE 40.

²⁴⁰ MORO, 2001, p. 11.

caminhos da teografia.²⁴¹ A partir desse fio condutor, como um fio de ouro,²⁴² descobrir o sentido desta escrita de Deus na história pessoal.

Num segundo momento, depois de perceber as várias marcas de Deus de forma pessoal, o orientando vai tendo outra percepção:

os diferentes modos da manifestação de Deus, ao serem relacionados entre si, vão constituindo o processo de aprendizagem que os antigos chamavam mistagogia. É o próprio Deus quem conduz e orienta para o mistério do seu Caminho todos os caminhos da pessoa.²⁴³

Isso parece ser o centro de toda a questão. Entrar no mistério, contemplar, viver, aprofundar-se. Mistério da salvação humana na história pessoal. Não superar este obstáculo parece colocar em xeque a própria OE.

O processo de imersão no mistério foi um processo utilizado nas primeiras comunidades cristãs e retomado no processo de iniciação à vida Cristã com inspiração catecumenal.²⁴⁴ Este processo, na Igreja antiga, era a cargo da liturgia e catequese que estavam estritamente

²⁴¹ MORO, 2001, p.9-10.

²⁴² No livro “Tecendo o Fio de Ouro”, no capítulo de mesmo nome é apresentada a história do Rumpelstiltskin. Um rei que tendo seu filho desaparecido manda matar todos os homens do reino. Um homem para não ser morto diz que sua filha pode transformar algodão em fios de ouro. A filha é trancada no calabouço para fazer o serviço até certo dia marcado. Passa seus dias a chorar, começa a tecer sem esperança e contar seus dias para o fim. Pensa em seu passado, relembra sua história e ressignifica-as. Certo dia parece um homenzinho do tamanho de um dedal que pode transformar tudo em fios de ouro, basta ela adivinhar seu nome. Consegue adivinhar o nome, os fios são transformados, o homem vira o príncipe que sumira e aquele calabouço lugar de tristeza e amargura é reformado num lugar para guardar joias. NOGUEIRA, M. E. O.; LEMOS, S. M. L. **Tecendo o Fio de Ouro: Caminho Ordo Amoris**. 10ª ed. Fortaleza: Shalom, 2008. p. 125-131.

²⁴³ MORO, 2001, p. 11.

²⁴⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Directorio Nacional da Catequese (DNC)**. Brasília: CNBB, 2006. p. 58-62; Doc. 84,45-50.

unidas. “Tudo acontecia em um clima de espiritualidade, oração, celebrações e ritos, enfim, em um clima mistagógico.”²⁴⁵

Sobre o outro inimigo sutil, o pelagianismo, o papa Francisco diz que coloca no lugar do mistério e da graça o poder da vontade humana, o esforço pessoal. Diferentemente dos gnósticos que atribuíam grande poder à inteligência.²⁴⁶

Em comunhão com o magistério do papa Francisco, a Congregação para a Doutrina da Fé diz o seguinte:

Prolifera em nossos tempos um neo-pelagianismo em que o homem, radicalmente autônomo, pretende salvar-se a si mesmo sem reconhecer que ele depende, no mais profundo do seu ser, de Deus e dos outros. A salvação é então confiada às forças do indivíduo ou a estruturas meramente humanas, incapazes de acolher a novidade do Espírito de Deus.²⁴⁷

Nesse sentido, o ser humano confia muito mais na ciência e na técnica como salvadoras do mundo do que na religião e na sua mensagem evangélica. Em última análise, confiam mais em seus méritos próprios do que nos méritos de Cristo, abandonando a ação da graça.

Este desafio do neo-pelagianismo que aparece em nossos dias, deve ser vencido com a verdade profunda e sobrenatural da ação da graça na vida do ser humano. Mas, deve-se tomar muito cuidado com dois perigos opostos, valorizar a graça em detrimento do natural, ou depreciar a graça na ênfase do natural:

[...] combate-se a natureza em nome da graça, ou até mesmo se esquece a natureza, tudo esperando da graça. [...] Em oposição à confiança depositada na graça, nos afastamos hoje de tudo que parece

²⁴⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Iniciação à vida Cristã**: itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: CNBB, 2017. p. 43; Doc. 107,70.

²⁴⁶ FRANCISCO, 2018, p. 28; GE 48.

²⁴⁷ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta Placuit Deo**. Vaticano: 2018. Não paginado. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180222_placuit-deo_po.html. Acesso em: 18 Jun. 2020.

contrariar a natureza, a ponto de não se combater nada que se considere natural [...]. Procura-se tudo que favorece a natureza e contribui para a qualidade de vida num clima dominado pelo bem do corpo e pela satisfação das necessidades temporais, mesmo as mais ilusórias.²⁴⁸

Contudo, a ênfase aqui é o abandono do sobrenatural em nossa sociedade atual. Mais que isso, uma redução do próprio homem ao âmbito material e como fim em si mesmo. Esquece-se que a criação do homem é um mistério para si mesmo.

O homem aparece no mundo visível como a mais alta expressão do dom divino, porque carrega em si a dimensão interior do dom. E, nesta dimensão, carrega no mundo sua particular semelhança com Deus, graças à qual ele transcende e domina também a sua “visibilidade” no mundo, a sua corporeidade [...] se constitui como que um primordial sacramento, entendido como sinal que transmite eficazmente ao mundo visível o mistério invisível, oculto em Deus desde a eternidade, e este é o mistério da Verdade e do Amor, o mistério da vida divina, da qual o homem participa realmente.²⁴⁹

Portanto, a graça e o natural, o visível e o invisível, o ordinário e o extraordinário, a ciência e a religião, são dimensões do mesmo homem que é sacramento de Deus para si mesmo e para o mundo.

Por isso, viver a integração dessas diferentes dimensões, trazer equilíbrio nestes diferentes polos humanos é sinal de maturidade, é sinal de santidade. Pode o orientador mostrar que o orientando é sinal de Deus e auxiliá-lo na busca por este equilíbrio e integração.

Existem dentro do homem outros dois polos, a carne e o espírito, que entram num verdadeiro combate espiritual.

²⁴⁸ CATÃO, Francisco. **Espiritualidade Cristã**. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2009. p. 155.

²⁴⁹ JOÃO PAULO II. **Teologia do Corpo**: o amor humano no plano divino. Trad.: Libreria Editrice Vaticana; José Eduardo C. de B. Carneiro. Campinas: Ecclesiae, 2014. p. 94.

3.2.2 Combate Espiritual

Há um dualismo na vontade humana, que também pode ser dito como combate espiritual, pois o homem está sempre brigando consigo entre fazer o bem ou fazer o mal.²⁵⁰ Um combate entre o espírito e a carne.

No vocabulário neotestamentário, o Espírito se opõe à carne. Mas é preciso lembrar que carne, nesse contexto, designa, em primeiro lugar, a condição histórica de distanciamento do fim para o qual o ser humano, no entanto, foi criado.²⁵¹

Portanto, não se trata de desprezar a carne, ou a matéria, ou o mundo, para viver um itinerário cristão espiritualizado alheio ao meio que nos cerca. Mas sim, de fazer a vontade de Deus. Ainda, nesse mesmo sentido,

Paulo acentua a oposição entre o Espírito e a carne. Sublinha nossa incapacidade existencial de fazer o bem, de nos orientarmos efetivamente para a bem-aventurança. [...] a carne se opõe ao Espírito e impede a plena realização do que somos como humanos.²⁵²

Ou seja, elevar o nosso espírito a Deus nos humaniza e seguir no caminho do pecado nos desumaniza. E a OE tem também esta função de humanizar, quando favorece o indivíduo ser mais dócil ao Espírito e menos suscetível à carne.

Paulo dá exemplo desta oposição quando se refere à relação entre homem velho e o homem novo. “Vós vos desvestistes do homem velho com as suas práticas e vos revestistes do novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador.”²⁵³

Quais seriam estas práticas? As obras da carne? Pois bem, Paulo cita algumas:

²⁵⁰ Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero. Rm 7,19.

²⁵¹ CATÃO, 2009, p. 154.

²⁵² CATÃO, 2009, p. 154.

²⁵³ Cl 3, 9b-10.

Ora, as obras da carne são manifestas: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas.²⁵⁴

São sobre estas situações que um orientador deve combater na OE, mas também o próprio orientando deve estar ciente que uma vida de santidade exclui frutos como os citados acima. A OE deve estimular o fruto do Espírito que é “amor, alegria, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio. Contra estas coisas não existe Lei.”²⁵⁵

Quanto mais o homem vive estes frutos, mais corresponde no seu íntimo ao que o Espírito sugere. Daí que, “essa correspondência ao Espírito [...] é o segredo da plena realização de nós mesmos e do que o Criador, que nos chama à bem-aventurança, quer, finalmente, de todos nós.”²⁵⁶ Portanto, superar este obstáculo à OE é contribuir para a plena realização da pessoa humana, que muitas vezes ouve o apelo do Espírito, mas não corresponde.

Para o monaquismo primitivo, inicialmente, o combate espiritual era entendido como uma busca pela intimidade com Deus.²⁵⁷ E com o passar do tempo foi incorporando outras práticas como: “a virgindade e o deserto, a solidão e a vida comum, as austeridades e as penitências, mais tarde os votos e a consagração, a dedicação ao culto e o trabalho manual nos campos, o estudo e a pregação”²⁵⁸

No período medieval, a mística tendo como base a antropologia teológica de Agostinho foi desenvolvendo caminhos para o encontro da alma com Deus.

Bernardo de Claraval via diante de si uma escada da alma para Deus, na qual se procede do amor ao próximo para o amor a si e do amor a si para o amor a Deus. Boaventura compôs o “Itinerário da mente para Deus.” Teresa de Ávila encontrou o

²⁵⁴ Gl 5, 19-21a.

²⁵⁵ Gl 5, 22-23.

²⁵⁶ CATÃO, 2009, p. 151.

²⁵⁷ CATÃO, 2009, p. 158.

²⁵⁸ CATÃO, 2009, p. 158.

caminho para o “castelo interior”, o castelo da alma, em sete etapas. Thomas Merton escreveu para o nosso tempo um livro sobre ‘A montanha dos sete patamares’. Dorothee Sölle iniciou com Mestre Eckhart ‘A Viagem’.²⁵⁹

Talvez esses itinerários e livros podem servir como instrumentos a serem indicados pelo orientador para ajudar seu orientando.

Independente de quais práticas as pessoas realizam, o essencial é que lutem para buscar a Deus e fazer a sua vontade. Porque, é no campo espiritual da busca de Deus que o fiel encontra sua verdade profunda, “que deve lutar para que se torne realidade em toda a sua vida.”²⁶⁰ Para então, dizer como Paulo: “Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé.”²⁶¹

Este combate entre a carne e o espírito nada mais é do que “a ponta antropológica da apocalíptica universal, segundo a qual ‘este mundo passa’, porque a nova criação de todas as coisas já teve início com a ressurreição de Cristo dentre os mortos.”²⁶²

Outro ponto que pode ser considerado como um desafio é o mundo. “Porque tudo o que há no mundo – a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o orgulho da riqueza – não vêm do Pai. Mas do mundo.”²⁶³ Não se trata de vê-lo negativamente, mas de evidenciar aquilo que nele é desafio para uma vida de santidade. Como está o mundo atual para o cristão?

3.2.3 Comunicação Virtual

Cada vez mais o cristão é chamado a viver a santidade no mundo e não viver alheio a ele ou criar justificativas para fugir dele. Até porque, “nós não somos redimidos do mundo, mas sim com o mundo.”²⁶⁴

O papa Francisco apresenta algumas características do momento atual que estamos vivendo. Essas características, para ele, são riscos e limites à manifestação do Amor de Deus,

²⁵⁹ MOLTSMANN, 2010, p. 96.

²⁶⁰ CATÃO, 2009, p. 158.

²⁶¹ 2Tm 4, 7.

²⁶² MOLTSMANN, 2010, p. 92.

²⁶³ IJo 2, 16.

²⁶⁴ MOLTSMANN, 2010, p. 92.

a ansiedade nervosa e violenta que nos dispersa e enfraquece; o negativismo e a tristeza; a acédia cômoda, consumista e egoísta; o individualismo e tantas formas de falsa espiritualidade sem encontro com Deus que reinam no mercado religioso.²⁶⁵

Vê-se então, que estes não são frutos do Espírito, e, portanto, não levam o homem no caminho da maturidade. Caso ele se deixe conduzir pelo mundo se afastará da intimidade com Deus. Mas, pelo contrário, deve ser no mundo como disse Jesus: “Vós sois o sal da terra. [...] Vós sois a luz do mundo.”²⁶⁶

O papa também chama a atenção para outra característica que é a internet. Mas, fala de uma rede de difamação que tem como objetivo destruir a fama alheia através de falsos testemunhos. E que se tolera na internet o que na vida pública não se toleraria.²⁶⁷ E o cristão deve fugir dessa rede traiçoeira.

Isso é um dos frutos da rede mundial de computadores, da vida interligada que se tem hoje. Quase todas as pessoas no mundo tem um celular e podem se expressar. “Comunica-se, fala-se, escreve-se [...] Vivemos numa era em que comunicar-se é [...] quase uma função fisiológica essencial, como comer ou respirar”²⁶⁸

Nesse sentido, cada pessoa fala o que pensa e tem sua postagem visualizada por muitas pessoas. Todos passaram a ser reconhecidos. É a valorização do individual.

O grande retorno do indivíduo – depois do mito das massas –, mais que nutrir-se dos escombros do coletivismo messiânico, ou ser uma fuga da utopia violenta, talvez seja um sinal dos tempos, porque revela que o “coração do homem” está à espera de encontros e de consideração.²⁶⁹

²⁶⁵ FRANCISCO, 2018, p. 55; GE 111.

²⁶⁶ Mt 5, 13a.14a.

²⁶⁷ FRANCISCO, 2018, p. 56-57; GE 115.

²⁶⁸ MAFFEI, Lamberto. **Elogio da Rebelião**. Trad.: Orlando S. Moreira. São Paulo: Loyola, 2019. p. 14.

²⁶⁹ SECONDIN, Bruno. **Espiritualidade em diálogo: novos cenários da experiência espiritual**. Trad.: Tomás Belli. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 9.

Com a pandemia²⁷⁰ que se abateu no mundo no ano de 2020, uma nova oportunidade se abriu: realizar tudo *online*, o trabalho, os estudos, a medicina, as reuniões, inclusive a OE.²⁷¹

É um novo desafio que se apresenta para a OE a possibilidade de atendimentos *online*. Lugar adequadamente propício para ambos: orientador e orientado. Internet com boa qualidade. Ainda não se sabe quais outros desafios encontrados e quais superados nas OE *online*.

Uma vez alcançado certa maturidade e superados vários desafios é hora de parar a OE?

3.3 UM PROCESSO FORMATIVO CONTÍNUO

3.3.1 Término da Orientação

Em algum momento de sua vida, o orientador, quase que obrigatoriamente²⁷² passou pelo processo de ser orientado. E acabou encerrando este processo.

²⁷⁰ Causada pelo vírus SARS-Cov-2, novo Corona vírus que provoca a Covid-19. Este novo vírus e doença eram desconhecidos antes do início do surto em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. O COVID-19 é agora uma pandemia que afeta muitos países globalmente. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/question-and-answers-hub/q-a-detail/q-a-coronaviruses> Acesso em: 27 jul. 2020.

²⁷¹ Modelo “call center em casa” faz startup crescer na pandemia. No período de isolamento social, a empresa Home Agent contratou 200 novos funcionários por conta do aumento da demanda por seus serviços. Notícia do portal Terra, disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/inovacao/modelo-call-center-em-casa-faz-startup-crescer-na-pandemia,b2499d2d9e79b24e262cbb7059c7dd93m3pgyzml.html>. Acesso 03 Jul 2020.

²⁷² Não existe na Igreja uma ordem ou cargo de diretor espiritual. Grandes diretores da história da Igreja realizaram seus trabalhos antes de assumirem qualquer cargo. Eles foram descobertos pela comunidade, não se colocaram em evidência e não ganharam um diploma que os autorizassem a atuarem na área. E ainda, sacerdotes e ministros se apresentam como líderes das comunidades cristãs, e na maioria das vezes são procurados como diretores espirituais, mas a ordenação não é necessária para uma eficiente direção espiritual. BARRY, William A.; CONNOLLY, William J. 1999, p. 129.

Contra o final dessa relação dual psicodinâmica, que ocorre na OE, se podem correr alguns riscos, “como os da interminabilidade, da infantilização e da seqüela”²⁷³

Ou seja, o orientando se torna um seguidor e o orientador se compraz em ser seguido por um grupo de filhos espirituais.²⁷⁴ Aquela pessoa que deveria aprender a seguir o mestre Jesus, transfere o seu seguimento a um mestre orientador.

Para Aletti, o processo psicoterapêutico busca o bem-estar do cliente, e esta finalidade assinalaria também o fim da relação. Portanto,

a deiscência do terapeuta, a diminuição de sua necessidade e, por conseguinte o seu afastamento para livrar o aluno de sua própria sombra. Creio que isso valha para qualquer processo de educação e formação e também para o acompanhamento espiritual. Dado por aceite que o amadurecimento da pessoa (e do cristão) segue uma linha assintótica, deve-se perguntar em que nível se dá o alcance da estatura adulta (cristã) na qual o sujeito se torna autônomo e, por sua vez, capaz e responsável pela formação de outros.²⁷⁵

Este autor corrobora para um fim da orientação, que por consequência coloca um final na relação entre orientador e orientando.

Barry e Connolly não dirão especificamente sobre o término, mas sobre a continuidade. É o que se chama supervisão.

O conceito de supervisão é novo no campo da direção espiritual, mas a realidade apontada pelo conceito não é totalmente desconhecida. Ainda que a realidade existisse, a prática da supervisão parece não ter sido objeto de grandes reflexões nem de um desenvolvimento sistemático.²⁷⁶

É um meio de buscar melhorar o relacionamento entre orientador e orientado. Entretanto, o enfoque não está em quem está pedindo ajuda, mas no orientador.

²⁷³ ALETTI, 2008, p. 122.

²⁷⁴ ALETTI, 2008, p. 122.

²⁷⁵ ALETTI, 2008, p. 122.

²⁷⁶ BARRY; CONNOLLY, 1999, p. 180-181.

Este procedimento já existe em outras áreas das ciências humanas, como: psiquiatria, psicologia e ação social.²⁷⁷ Nessas áreas, a supervisão enfoca “a pessoa do supervisionado e [...] o seu crescimento como dispensador de ajuda, já que o objetivo básico da supervisão de aconselhadores ou terapeutas é ajuda-los a se tornarem mais terapêuticos.”²⁷⁸

Parece esta possibilidade de supervisão, uma alternativa razoável para os orientadores espirituais. E sacerdotes que não continuam a sua orientação após saírem do seminário? Seria a ordenação sacerdotal sinônimo de maturidade interior e autorização para o término da EO? Todo pastor também precisa ser pastoreado, todo homem precisa de cuidados.

Todo homem é uma mistura de bem e de mal, de luz e de trevas. O verdadeiro pastor é aquele que é humilde, que conhece seus limites, que não se mete onde não deve, que respeita os dons e os carismas dos outros; é aquele que sabe desaparecer. Carrega o segredo íntimo das pessoas, esse lugar em que ela está unida a Deus, mas deixa a outros o cuidado de a ajudarem a encontrar seu lugar na comunidade.²⁷⁹

Orientador pode não quer se submeter a uma supervisão pelo desejo de independência por pensar em uma supervisão como dependência. Por isso, recomenda-se a supervisão como forma de avaliar seus procedimentos, fugir do orgulho, e também uma forma de ser ele mesmo cuidado.

Mesmo sendo o orientador adulto, maduro e independente, é preciso confiar em Jesus, o Bom Pastor e “recordar que também somos ovelhas e precisamos do Pastor, para que nos ajude.”²⁸⁰

Chegando nesta fase, percebe-se que há caminhos a serem percorridos. Fala-se então da formação permanente.

²⁷⁷ BARRY; CONNOLLY, 1999, p. 181.

²⁷⁸ BARRY; CONNOLLY, 1999, p. 181.

²⁷⁹ VANIER, Jean. **A comunidade, lugar do perdão e da festa**. Trad.: Teresa Paula Perdigão. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 210.

²⁸⁰ FRANCISCO. **Aos Sacerdotes**. Trad.: Tiago José Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2020. p. 51.

3.3.2 Formação Permanente

Sobre o processo de maturidade o monge Bernardo Bonowitz, abade do mosteiro trapista de Campo do Tenente (PR), conta a história de como foi a sua avaliação inicial por parte de seu mestre após consultar os monges professos da comunidade. O mestre usou a seguinte frase: “Concluimos, há esperança de que, em quinze ou vinte anos, Bernardo se torne um bom monge.”²⁸¹

A formação é constante. Porque, “qualquer que seja o ponto a que chegamos, conservemos o rumo.”²⁸² De acordo com o documento sobre a formação dos sacerdotes formação permanente é

[...] uma necessidade imprescindível na vida e no exercício do ministério de cada sacerdote; de fato, a atitude interior do sacerdote deve ser caracterizada por uma disponibilidade permanente à vontade de Deus, seguindo o exemplo de Cristo. Essa implica uma contínua conversão do coração, a capacidade de ler a vida e os fatos à luz da fé e, particularmente, à luz da caridade pastoral, para um dom total de si à Igreja segundo o desígnio de Deus.²⁸³

Algumas características da formação permanente que são direcionadas aos sacerdotes, mas que servem para todos.

Formação permanente é ter um espírito de renovação. Mas também é um retorno às fontes, “a conveniente renovação da vida religiosa compreende não só o contínuo regresso às fontes de toda a vida cristã e à genuína dos Institutos, mas também a sua adaptação às novas condições dos tempos.”²⁸⁴

A formação não termina com uma ordenação sacerdotal ou uma consagração numa comunidade religiosa. A pessoa madura entende que

²⁸¹ BONOWITZ, 2013, p. 220-221.

²⁸² Fl 3,16.

²⁸³ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O Dom da Vocação Presbiteral: Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis**. Vaticano: L'osservatore Romano, 2016. p. 31; RFS 56.

²⁸⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto Perfectae Caritatis: Sobre a Conveniente Renovação da Vida Religiosa. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico do Vaticano II** (1962-1965). 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p.277-295. p. cit. 279; PC 2.

sempre será discípula do Mestre e que sua formação será permanente. Conforme diz Cencini:

Se tal é o fim da vocação sacerdotal e religiosa, então a formação não é mais somente um caminho propedêutico, uma pedagogia que prepara para assumir uma identidade e as obrigações a elas conexas, mas torna-se inclusive teologia, ou melhor, um modo teológico de pensar e definir a própria consagração a Deus, ou seja, um lento e progressivo processo de formação em nós do homem novo.²⁸⁵

Ter esta mentalidade do homem novo é essencial numa atitude de formação permanente “até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo.”²⁸⁶

Outro conceito que Cencini traz para ajudar a entender a formação permanente é *Docibilitas*.

É um termo latino que – estranhamente – não possui tradução nas línguas modernas. Literalmente significa “ensinabilidade” ou melhor dizendo, “vontade de ser ensinado, e aprender”. Trata-se de uma categoria pedagógica, quer dizer, de um modo de interpretar a dinâmica educativa, isto se torna ainda mais possível e frutífera quando mais o sujeito se torna ensinável.²⁸⁷

²⁸⁵ CENCINI, Amadeo. **O Respiro da Vida**: a graça da formação permanente. Trad.: José Afonso Beraldin. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 31.

²⁸⁶ Ef 4,13.

²⁸⁷ “Es un término latino que –extrañamente– no se ha traducido en las lenguas modernas. Literalmente significa “enseñabilidad” o, mejor dicho, “disponibilidad a dejarse enseñar, e aprender”. Se trata de una categoría pedagógica, es decir, de un modo de interpretar la dinámica educativa, que llega a ser tanto más posible y fructífera cuando más se hace docibilis el sujeto.” (CENCINI, Amadeo. **¿Creemos de Verdad en la Formación Permanente?** Trad: José Pérez Escobar. Santander: Sal Terrae, 2013. p. 58-59, tradução nossa).

Corroborar com o espírito de homem novo que se deve ter. Um espírito de renovação e humildade de entender que sempre se está em aprendizado. Continua Cencini,

A pessoa ensinável é aquela que aprendeu outra liberdade, a liberdade de deixar-se tocar e provocar pela vida e pelos outros, por toda situação existencial, agradável ou desagradável. Não negligencia e não joga fora nada da vida. É maior, é livre para aprender ou deixar-se educar por ela ou pela experiência de cada dia, pela relação com os outros, pelos seus fracassos e pecados.²⁸⁸

Ou seja, todas as oportunidades são momentos para aprender e crescer. É uma pessoa dócil às situações que lhe aparecem no dia-a-dia. E ainda,

É suficientemente inteligente, portanto, para dar-se conta de tanta graça que tem ao seu redor, e livre na medida apropriada, que adquire assim cada vez mais o dom e a virtude bíblica da sabedoria.²⁸⁹

Por fim, pode-se dizer que, uma pessoa que prossegue no caminho da formação permanente é uma pessoa sábia. E também que é um longo itinerário que não termina nesta vida:

Na medida da sua livre disponibilidade, os pensamentos e os afectos, a mentalidade e o comportamento do homem vão sendo pouco a

²⁸⁸ “La persona docibilis es aquella que ha aprendido otra libertad, la libertad de dejarse tocar y provocar por la vida y por los demás, por toda situación existencial, agradable o desagradable. No pasa por alto ni tira nada de la vida. Es más, es libre de aprender o de dejarse educar y formar por ella y por la experiencia de cada día, por la relación con los demás, por sus mismos fracasos y pecados.” (CENCINI, 2013, p. 60, tradução nossa).

²⁸⁹ “Es lo suficientemente inteligente, por lo tanto, para darse cuenta de cuánta gracia hay a su alrededor, y libre en la medida correspondiente sabia, que adquire así cada vez más el don y la virtude bíblica de la sabiduría.” (CENCINI, Amedeo, 2013, p. 60, tradução nossa).

pouco purificados e transformados, ao longo de um itinerário jamais completamente terminado nesta vida.²⁹⁰

Espera-se que todos os cristãos encontrem sua maturidade e continuem no caminho da formação permanente, até a pátria celeste, onde seremos todos maduros.

²⁹⁰ BENTO XVI. **Motu Proprio Porta Fidei**. Vaticano: 2011. Não paginado. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html. Acesso em 28 Jun. 2020.

CONCLUSÃO

A pesquisa conseguiu apresentar, de forma breve, os agentes envolvidos na OE e os desafios que podem aparecer nesse processo. Após uma explanação sobre os conceitos e imagens bíblicas, realizada no primeiro capítulo, onde foram apresentados os conceitos de teografia e mistagogia, entre outros conceitos, como: a OE sendo aquela relação que tenta fazer ver as plenitudes de humanidade presentes no mistério de Cristo, e assim, despertar certas dimensões que estavam atrofiadas no tipo de experiência que vivemos hoje.

Também foi apresentada, a OE como tendo uma das “metas”, criar nas pessoas que a buscam, uma sensibilidade para ouvir a voz do coração, mais que isso, ouvir com o coração. Porque essa seria também a voz de Deus no interior do ser humano. Levar os outros a escutar essa voz, é fundamental no processo da OE, não só para o orientador que cumprirá sua função, mas também para a pessoa que pede orientação, pois isso representará felicidade e sentido de vida.

Depois, no segundo capítulo, fez-se uma pequena explicação, sobre cada agente, separadamente. A pessoa que pede orientação compara-se aquele cego de Jericó²⁹¹, que estava na vida sem sentido, mas, tinha um desejo de mudança. Ele, na sua dimensão transcendente de abertura ao outro, relaciona-se com as pessoas que estavam a sua volta e percebe algo diferente acontecendo. Ao mesmo tempo, na sua abertura a Deus, clama ao Filho de Davi para que o cure. E num diálogo como na OE, Jesus devolve a ele a vida, e vida nova.

Já a pessoa que orienta, deverá apresentar certas características. Ser acurado na vida interior, saber discernir os espíritos para melhor orientar. Por isso, são apresentadas as regras de discernimento dos espíritos de S. Inácio de Loyola. Além disso, a pessoa que orienta não deverá atrair para si os méritos que são exclusivamente da graça divina. Ela, por sua vez, foi apresentada através de sua ação sobrenatural, da graça habitual e dos dons infusos.

Por fim, no terceiro capítulo, foram sublinhados alguns desafios à OE. Sinteticamente, desafios que podem bloquear o crescimento humano e espiritual da pessoa que pede orientação, mas até o próprio orientador. Como o caso da falta de supervisão, por exemplo. Ou o pecado do orgulho de ser um guia espiritual.

²⁹¹ Jo 18, 35-43.

Justamente, sobre este tema do desafio à OE, que se percebe uma série de outras situações que não foram alcançadas por esta pesquisa. Como é o caso dos eventuais problemas gerados na relação entre orientador e o orientado. Como se dará a comunicação entre dois mundos internos diferentes, entre duas psiques? Haverá problemas de comunicação? Ambos irão entender o que um diz ao outro? Problemas com autoridade, seria possível? Paternalismo ou autoritarismo por parte do orientador? Infantilismo ou independência por parte da pessoa que é orientada?

Talvez, esses temas dariam outra pesquisa, que ajudaria ainda mais no entendimento do processo desta ferramenta de crescimento espiritual. Mas, não se pode esquecer uma temática também importante, a relação com a psicologia. Quais as aproximações e diferenças da OE e a Psicologia? Quais características do orientador devem ser como as do psicólogo? Como se adquire o título das respectivas funções? Qual a frequência das sessões? Quanto tempo, horário? Como deve ser o ambiente? Qual referencial teórico de ambas? Enfim, percebe-se uma variedade de temas a serem abordados.

Portanto, pode-se perceber que a OE é um forte elemento de crescimento espiritual a ser acrescentado no itinerário daquele que busca a santidade. Aos poucos ela vai ajudando na escuta de Deus, que fala na sua Palavra, nos sacramentos, na oração, no jejum, na ação caritativa, na vida comunitária, no mundo em que vivemos, nos meios de comunicação, etc. Mas, um ponto fundamental da OE é apontar para a presença de Deus na vida pessoal.

Dessa forma, Deus que é amor²⁹², ama tanto o ser humano, que deixa marcas²⁹³ na história de vida de cada pessoa. É claro, que este amor está tanto na consolação quanto na desolação, porque até na aridez espiritual pode-se ouvir a voz de Deus, mesmo que não se sinta. Por isso, aquele que conduz alguém pela escrita divina na sua história pessoal, só pode ser uma pessoa cheia do Espírito Santo. Movida por uma graça atual, que ajuda em cada ato, a repetição desta graça torna-se graça habitual, a ação da graça habitual torna-se virtudes e dons infusos, obra que a Trindade opera em todo cristão. Uns estão mais aberto do que outros.

Sendo assim, o orientador é uma pessoa que se deixa conduzir pela ação do Espírito, é uma pessoa dócil, ou seja, tem aquela

²⁹² IJo 4,8.

²⁹³ MORO, 2001, 37.

característica que se denomina *docibilitas*. Deixa ser ensinado, é humilde. Na verdade, ele tomou consciência e tenta viver uma realidade simples e forte: somos filhos de Deus, fomos criados a sua imagem e semelhança. Este é outro ponto fundamental da OE, favorecer que as pessoas que vivem este processo tomem consciência de que são filhos e filhas amados de Deus, criados a imagem e semelhança Dele. E que todos têm uma meta nesta vida, chegar à plenitude do homem perfeito, Jesus Cristo.²⁹⁴

²⁹⁴ Ef 4,13.

REFERÊNCIAS

ALETTI, Mário. Atendimento Psicológico e Direção Espiritual: Semelhanças, Diferenças, Integrações e... Confusões. Trad.: Geraldo José de Paiva. In: **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília v. 24, n. 1, p. 117-126, 2008.

AUMANN, Jordan. Síntese Histórica da Experiência Espiritual. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. **Problemas e perspectivas de Espiritualidade**. Trad.: José Maria de Almeida. São Paulo: Loyola, 1992.

BARRY, William A.; CONNOLLY, William J. **A Prática da Direção Espiritual**. Trad.: Gulnara Lobato de Moraes Pereira. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BENTO XVI. **Audiência Geral**. Castel Gandolfo. 15 ago. 2010. Não paginado. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100825.html. Acesso em: 18 maio 2020.

BENTO XVI. **Motu Proprio Porta Fidei**. Vaticano: 2011.

BÍBLIA de Jerusalém. 11. ed. São Paulo: Paulus, 2016.

BINGEMER, Maria C.; FELLER, Vitor G. **Deus-Amor: a graça que habita em nós**. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2003.

BONOWITZ, Bernardo. **Buscando Verdadeiramente a Deus**. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2013.

BROWN, Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. Trad.: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004.

CATÃO, Francisco. **Espiritualidade Cristã**. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem. 2009.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CENCINI, Amadeo. **O Respiro da Vida**: a graça da formação permanente. Trad.: José Afonso Beraldin. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 31.

CENCINI, Amadeo. **¿Creemos de Verdad en la Formación Permanente?** Trad: José Pérez Escobar. Santander: Sal Terrae, 2013.

CÓDIGO de Direito Canônico. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965)**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p.347-367.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965)**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p.101-197.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*: Sobre a Igreja no Mundo de Hoje. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965)**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004, p. 539-661.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Perfectae Caritatis*: Sobre a Conveniente Renovação da Vida Religiosa. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965)**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 277-295. p. cit. 279; PC 2.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Declaração *Gravissimum Educationis*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965)**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 321-338.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional da Catequese (DNC)**. Brasília: CNBB, 2006.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Iniciação à vida Cristã**: itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: CNBB, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta Placuit Deo**. Vaticano: 2018.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O Dom da Vocação Presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis**. Vaticano: L'osservatore Romano, 2016.

CORTI, Renato; MOIOLI, Giovanni; SERENTHÀ, Luigi. **A direção espiritual hoje: discernimento cristão e comunicação interpessoal**. Trad.: Alda da Anunciação Machado. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO DA SANTA SÉ. **Fortes da Tribulação**. Vaticano: Vaticana. 2020. Homilia de quinta-feira, 26 de março de 2020.

DUNN, James D. G. **A teologia do apóstolo Paulo**. Trad.: Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003

DUPUIS, Jacques. **Introdução à Cristologia**. Tra.: Aldo Vannucchi. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 2015.

ESTÉVEZ, J. M. **A Direção Espiritual: para acolher Cristo na própria vida**. Brasília: CNBB, 2020.

FABRIS, Rinaldo. **Paulo: Apóstolo dos gentios**. Trad.: Euclides Martins Balanci. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

FARIAS I. **Santo Inácio de Loyola: Da Consolação e da Desolação**. 2010. Disponível em: <https://beinbetter.wordpress.com/2010/03/03/santo-inacio-de-loyola-da-consolacao-e-da-desolacao/amp/> Acesso 08 jul 2020.

FRANCISCO. **Aos Sacerdotes**. Trad.: Tiago José Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si**. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Brasília: CNBB, 2015.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Gaudete Et Exsultate***. São Paulo: Paulus, 2018.

GALOT, J. Graça. In: BORRIELO, L. (Org.); CARUANA, E.; DEL GENIO, M.R.; SUFFI, N. **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus: Loyola, 2003.

GROSSI, V. Pelágio-Pelagianos-Pelagianismo. In: BERARDINO, Angelo Di. (Org). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Trad.: Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002.

GRUN, Anselm. **A orientação espiritual dos Padres do Deserto**. Trad. Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 20014.

JOÃO PAULO II. **Homilia para recordar o 150º aniversário da definição do dogma da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria**. Vaticano, 08 dez. 2004. Não paginado. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2004/documents/hf_jp-ii_hom_20041208_immaculate-conception.html. Acesso em: 22 de junho de 2020.

JOÃO PAULO II. **Teologia do Corpo: o amor humano no plano divino**. Trad.: Libreria Editrice Vaticana; José Eduardo C. de B. Carneiro. Campinas: Ecclesiae. 2014.

KLEIN, W. W. Perfeito, Maduro. In: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. (Orgs.). **Dicionário de Paulo e suas Cartas**. Trad.: Barbara T. Lambert. 2. ed. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008. p. 979-980.

LADARIA, Luis F. **Introdução à Antropologia Teológica**. Trad.: Roberto Leal Ferreira. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

LENTZEN-DEIS, Fritzeo. **Comentário ao Evangelho de Marcos: modelo de nova evangelização**. São Paulo: Ave Maria, 2003.

MAFFEI, Lamberto. **Elogio da Rebelião**. Trad.: Orlando S. Moreira. São Paulo: Loyola, 2019.

MARINO JUNIOR, Raul. **A religião do cérebro: as novas descobertas da neurociência a respeito da fé humana**. São Paulo: Gente, 2005.

MERCATALI, A. Padre Espiritual (Diretor). In: FIORES, Stefano de. GOFFI, Tullio (Orgs). **Dicionário de Espiritualidade**. Trad.: Augusto Guerra, Isabel Fontes Leal Guerra. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1993.

MERTON, Thomas. **Homem algum é uma ilha**. Trad.: Timoteo Amoroso Anastacio. São Paulo: Versus, 2003.

MOIOLI, Giovanni. Discernimento Espiritual e Direção Espiritual. In: CORTI, Renato; MOIOLI, Giovanni; SERENTHÀ, Luigi. **A direção espiritual hoje: discernimento cristão e comunicação interpessoal**. Trad.: Alda da Anunciação Machado. 2 Ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

MOLTMANN, Jürgen. **O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MONDONI, Danilo. **Teologia da Espiritualidade Cristã**. São Paulo: Loyola, 2000.

MORO, Ulpiano Vázquez. **A orientação espiritual: Mistagogia e Teografia**. São Paulo: Loyola. 2001.

NOGUEIRA, M. E. O.; LEMOS, S. M. L. **Tecendo o Fio de Ouro: Caminho Ordo Amoris**. 10. ed. Fortaleza: Shalom, 2008.

NOUWEN, Henri J. M.; CHRISTENSSEN, Michael J.; LAIRD, Rebeca J. **Direção espiritual: sabedoria para o caminho da fé**. Trad.: Daniela Barbosa Henriques. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

OCCHIALINI, U. Direção Espiritual. In: BORRIELO, L. (Org.); CARUANA, E.; DEL GENIO, M.R.; SUFFI, N. **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus: Loyola, 2003.

PAGOLA, J. A. **O caminho aberto por Jesus: João**. Trad.: Lúcia Mathilde E. Orth. Petrópolis: Vozes. 2013.

PAGOLA, J. A. **O caminho aberto por Jesus: Lucas**. Trad.: Gentil AvelinoTilton. Petrópolis: Vozes. 2012.

PAULO VI. **Carta Apostólica Octogesima Adveniens**. Vaticano: 14 de Maio de 1971. Não paginado. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html. Acesso 27 jul de 2020.

PERES, Júlio. Psicoterapia e espiritualidade: convergência possível e necessária. In: BORGES, Evilázio F. Et al. **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PIO XII, Encíclica *Humani generis*. In: DENZIGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja Católica**. Trad.: José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2006

RUBIO, Afonso Garcia. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2001.

SALVADOR, Federico R. **Compêndio de Teologia Espiritual**. Trad.: Antivan G. Mendes. São Paulo: Loyola, 1996.

SCALABRINI, Patrizio Rota. **Livros Proféticos**. Trad.: Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2019.

SCHÖKEL, Luís Alonso.; SICRE DIAZ, J. L.; Trad.: Anacleto Alvarez. **Profetas I**. São Paulo: Paulus, 1988.

SCIADINI, Patrício. **A Pedagogia da Direção Espiritual**. São Paulo: Carmelitana; Loyola, 2006.

SECONDIN, Bruno. **Espiritualidade em diálogo**: novos cenários da experiência espiritual. Trad.: Tomás Belli. São Paulo: Paulinas, 2002.

SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **O Deus da Salvação**. Trad.: Marcos Bagno. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SHNMAUS, M. *Teología Dogmática: La Trinidad de Dios*. Vol I. Madri: Rialp, 1960. Disponível em: https://kupdf.net/download/teologia-acute-a-dogm-aacute-tica-schmaus-01-la-trinidad-de-dios-ocr_5afb7982e2b6f5c170d76e5a_pdf.

SICRE, José L. **Um encontro Fascinante com Jesus**: Introdução aos Evangelhos. São Paulo: Paulinas, 2004.

TANQUEREY, Adolphe. **Compêndio de Teologia Ascética e Mística**. Trad.: Dalton César Zimmermann. Campinas: Ecclesiae, 2018.

TERESA DO MENINO JESUS. **Obras Completas**: escritos e últimos colóquios. São Paulo: Paulus, 2002.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica* I- II, q. 110. In: TANQUEREY Adolphe. **Compêndio de Teologia Ascética e Mística**. Trad.: Dalton César Zimmermann. Campinas: Ecclesiae. 2018.

TONNA-BARTHET, Antonino (Org). **Síntese da espiritualidade agostiniana**. Trad.: Matheus Nogueira Garcez. São Paulo: Paulus, 1995.

VANIER, Jean. **A comunidade, lugar do perdão e da festa**. Trad.: Teresa Paula Perdigão. São Paulo: Paulinas, 1985.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/question-and-answers-hub/q-a-detail/q-a-coronaviruses> Acesso em: 27 jul. 2020.

ZAVALLONI, R. Maturidade Espiritual. In: FIORES, Stefano de. GOFFI, Tullo (Orgs). **Dicionário de Espiritualidade**. Trad.: Augusto Guerra, Isabel Fontes Leal Guerra. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1993.

ZOVATTO, Pietro. Experiência espiritual na História. In: SECONDIN, Bruno; GOFFI, Tullo. **Curso de espiritualidade**: experiência, sistemática, projeções. Trad.: Bertilo Brod. São Paulo: Paulinas, 1993.